



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Artesanato de Fibras como Prática Cultural e Comunitária

Maria Beatriz Duarte Bento

Mestrado em Sociologia

Orientador:

Doutor Rui Telmo Gomes, Professor Auxiliar Convidado,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2024



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

Artesanato de Fibras como Prática Cultural e Comunitária

Maria Beatriz Duarte Bento

Mestrado em Sociologia

Orientador:

Doutor Rui Telmo Gomes, Professor Auxiliar Convidado,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2024

Agradecimentos

Quando era pequena, a avó Júlia comprou-me as minhas primeiras agulhas e ensinou-me o meu primeiro ponto, e assim apareceu o tricot na minha vida, embora por um curto período de tempo. Há cerca de dois anos, decidi recomeçar, sem nunca me ter esquecido de como fazer aquele primeiro e único ponto que conhecia até então e aventurei-me no meu novo primeiro projeto, desta vez foi a avó Maria que esteve ao meu lado a ajudar-me a fazer uma peça que nunca antes tinha visto, explicada numa língua que nem conhecia, mas mesmo assim, após vários dias em tentativa e erro, finalmente conseguimos concluir o projeto e, desde então, a vontade de fazer e aprender cada vez mais nunca mais me deixou, estando sempre entusiasmada para mostrar novos projetos às minhas avós e também ao avô António, que embora não saiba fazer está sempre pronto para me dizer que está a ficar muito bonito.

Longe estava de pensar que estas práticas manuais iam alcançar uma importância tão grande na minha vida ao ponto de querer desenvolver a minha dissertação em torno deste tema, que me é tão querido, e por este motivo agradeço ao Professor Rui Telmo Gomes por ao longo deste último ano letivo me ter orientado e apoiado, tendo o seu auxílio sido fundamental para a concretização deste trabalho devido aos seus conselhos e sugestões. Gostaria também de agradecer aos dois grupos estudados por me terem recebido tão bem e me terem permitido desenvolver este trabalho no decorrer dos seus encontros, demonstrando-se sempre dispostos a ajudar em tudo aquilo que necessitasse, e em especial às entrevistadas de ambos os grupos por terem disponibilizado um pouco do seu tempo para que pudesse obter todos os dados necessários para realizar a minha dissertação.

Agradeço profundamente à minha família por me ter apoiado ao longo de todas as fases do meu percurso académico, dando-me força e mostrando-me que sou capaz e, em especial, à minha mãe que esteve desde sempre disponível para me apoiar em tudo aquilo a que me proponho, ajudando-me a sentir mais confiante.

Por fim, mas não menos importante, deixo um agradecimento aos amigos que fiz no decorrer do mestrado, que me ajudaram a esclarecer as minhas dúvidas existenciais, que não foram poucas, e aos meus amigos fora do mestrado que ao longo dos anos se revelaram um grande suporte para mim e que, independentemente da distância ou de não nos vermos com tanta frequência, estiveram sempre prontos para me apoiar e motivar em momentos de maior incerteza, pelo que sem estes esta experiência não teria sido a mesma.

Resumo

Este estudo tem como principal objetivo analisar o artesanato de fibras, enquanto forma de expressão artística tradicional, prática cultural de grupo e construção identitária em contextos locais. Para este efeito foram estudados dois grupos distintos, que praticam esta atividade em conjunto, sendo que um dos grupos é composto por mulheres mais velhas e o outro composto por jovens adultas de diferentes nacionalidades. Realizaram-se observações participantes, bem como entrevistas semiestruturadas a alguns dos elementos dos grupos, que permitiram perceber como a prática em grupo influencia os seus participantes. Os resultados deste estudo possibilitaram observar fatores como a entreajuda entre participantes, o aumento da autoconfiança e o desenvolvimento e aprendizagem de técnicas novas em grupo.

Palavras-Chave: *Tricot, crochet*, artesanato de fibras, sociologia da cultura.

Abstract

The main aim of this study is to analyze fiber crafts as a form of traditional artistic expression, group cultural practice and identity construction in local contexts. To this end, two different groups who practice this activity together were studied, one of which is made up of older women and the other of young adults of different nationalities. Participant observations were carried out, as well as semi-structured interviews with some of the members of the groups, which made it possible to understand how group practice influences its participants. The results of this study made it possible to observe factors such as mutual support between participants, increased self-confidence and the development and learning of new group techniques.

Keywords: Knit, crochet, fiber crafts, sociology of culture.

Índice

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	III
ABSTRACT	V
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1	3
Enquadramento Teórico	3
1.1. O artesanato	3
1.2. O artesanato de fibras	3
1.3. O Lazer	5
1.4. A Influência entre o Lazer Familiar e o Artesanato de Fibras	7
1.5. A Integração Social Através do Artesanato	8
CAPÍTULO 2	11
Metodologia	11
2.1. Objetivo da Investigação	11
2.2. População e Amostra	11
2.3. Modelo de Análise e Recolha de Informação	12
CAPÍTULO 3	15
Resultados	15
3.1. A Organização	15
3.2. Caracterização do Grupo	18
3.3. A Prática Individual	20
3.4. A Prática de Grupo	24
3.5. A Saúde Mental	33
CAPÍTULO 4	35
Discussão de Resultados	35
4.1. A Organização	35
4.2. Caracterização do Grupo	36
4.3. A Prática Individual	38
4.4. A Prática de Grupo	39
4.5. A Saúde Mental	41
4.6. As Diferentes Gerações da Prática	43
CAPÍTULO 5	45
Conclusões	45

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
ANEXO A	51
Tabelas de Auxílio à Análise dos Grupos	51
ANEXO B	53
Guião das Entrevistas	53
ANEXO C	55
Respostas às Entrevistas	55

Introdução

O artesanato de fibras é uma atividade artística maioritariamente associada a mulheres de maior idade e de menor escolaridade, podendo ser considerada uma prática artística amadora realizada, principalmente, pelo prazer que esta transmite, podendo também ser vista como uma forma de expressão pessoal e uma distração para os acontecimentos do dia a dia dos seus praticantes (Pais et al., 2022). Embora seja maioritariamente praticado por pessoas com as características mencionadas anteriormente, esta também poderá ser realizada por jovens, e têm surgido cada vez mais grupos de pessoas que se juntam para praticar este tipo de atividade enquanto convivem uns com os outros e partilham conhecimentos e experiências (Stoller, 2003). Assim foi interessante perceber de que forma esta prática influencia um grupo e a criação de ligações entre os próprios elementos.

Com o intuito de perceber a influência deste tipo de artesanato em diferentes grupos sociais foi importante frequentar e participar em grupos, que se juntam com alguma periodicidade para praticar este tipo de atividade, de modo a ser possível conviver com os mesmos, criando um diário de campo para descrever aquilo que se observava e, posteriormente, realizaram-se entrevistas a alguns dos seus membros de modo a perceber quais as suas ligações a este tipo de prática e ao grupo. Assim, teve-se como questões de pesquisa:

- Quais as diferentes perceções relativamente ao artesanato de fibras?
- O que a levou a produzir este tipo de artesanato?
- O que lhe transmite a prática em grupo?
- Quais os efeitos sociais desta prática artística?

Relativamente aos objetivos, pretendeu-se perceber o que leva estas participantes a expressar-se sobre a forma deste tipo de artesanato, o que as motivou e cativou, o que o mesmo lhes transmite e de onde surgiu esta paixão.

Pretendeu-se investigar e documentar estas práticas e o exercício contemporâneo destas tradições, que representam o património cultural, enquanto se observava as interações sociais entre os grupos escolhidos, de modo a compreender se e como compartilham os seus conhecimentos e experiências com os restantes membros enquanto suscitam o desenvolvimento das suas criatividades.

CAPÍTULO 1

Enquadramento Teórico

1.1. O artesanato

As práticas artesanais são bastante antigas e envolvem muita experiência uma vez que os artesãos necessitam de dominar as suas competências práticas e psicológicas, de modo a conhecer as técnicas, os materiais, entre outros aspetos. Embora normalmente esta prática seja realizada de modo a obter um objeto final útil, que corresponda às necessidades do quotidiano, não invalida que não possa também ser considerada bela, pelo que existem casos em que também se procura produzir peças de acordo com a originalidade e beleza. Podem existir artesãos com ambições mais artísticas que outros tomando a beleza como algo importante na sua prática, podendo haver assim uma separação dentro do mundo do artesanato entre os artesãos comuns, que procuram responder à utilidade, e os artista-artesãos que, para além disto, pretendem realizar peças originais e com beleza aproximando as suas práticas da prática artística (Becker, 2008).

Atualmente, o artesanato de fibras evoluiu dando origem a um tipo de artesanato contemporâneo muito focado na estética e nem sempre na utilidade, o que foi possível devido ao acesso a materiais mais diversos provenientes das importações, bem como à existência de uma educação formal que ensina diferentes técnicas de artesanato, formando assim artesãos com habilidades mais desenvolvidas, criando peças com uma qualidade estética superior, e também devido à globalização, que torna possível a influência na criação de produtos derivados do artesanato. (Ukim, 2021; Zhang, 2024)

1.2. O artesanato de fibras

No que diz respeito ao mundo das artes é necessário entender que existe uma enorme cooperação por parte de diferentes pessoas. Ou seja, para que se produza o produto final o importante não é apenas o artista, mas também todos aqueles que colaboraram com o mesmo e que permitiram a criação de determinada peça, sendo que o artesanato de fibras não é exceção (Becker, 2008). Para que possam desenvolver os seus projetos primeiro é necessária uma ideia, que poderá ou não aparecer facilmente à artista, para que mais tarde a possa pôr em prática, contudo para se desenvolver uma peça de artesanato de fibras é de notar que existem outras pessoas envolvidas na criação das mesmas, como é o caso dos produtores dos diferentes materiais necessários para executar a atividade, como os produtores de fibras, os produtores de

agulhas, ou até uma pessoa que desenvolve e cria padrões para que mais tarde possam ser reproduzidos, por exemplo.

Embora normalmente não seja caracterizado como arte, o artesanato de fibras, ao contrário de outras práticas conhecidas como arte, apresenta uma economia alternativa, uma vez que esta, normalmente, é vista como uma atividade diária realizada por pessoas comuns e sobretudo mulheres, que foram ensinadas maioritariamente pelas suas mães, com o intuito de produzir peças úteis para o seu dia a dia, como é o caso do *quilting*, que é visto como um *hobby* por estas. A realização desta prática normalmente deve-se ao seu papel nas suas comunidades ou porque pessoas de idades semelhantes ou do mesmo género, dentro destas, também a praticam, podendo-se afirmar que estas práticas ajudam a criar um senso de comunidade, acabando por ser uma ocupação tradicional das mulheres, sendo que algumas destas peças podem ser realizadas com o intuito de as transmitir aos descendentes. Assim, trata-se de uma arte realizada normalmente em comunidade ou em família que permite a partilha de conhecimentos e de experiências. (Becker, 2008)

O artesanato de fibras pode incluir diversas práticas como o *tricot*, *crochet*, tecelagem, feltragem, renda, *quilting*, entre muitas outras, neste trabalho será apenas abordado o *tricot* e o *crochet*. O *tricot*, ao longo das últimas décadas, tem ganho cada vez mais importância para as gerações mais jovens, sendo que o estereótipo de que o *tricot* é só para pessoas do género feminino e mulheres de maior idade tem vindo a diminuir (Stannard & Sanders, 2015).

Pensa-se que o *tricot* possa ter chegado à Europa por volta do Séc. XIV, nesta altura esta prática ainda não era direcionada para as mulheres uma vez que também os homens tricotavam, tendo até realizado estudos para tal, ao contrário da realidade atual (Stoller, 2003). Esta prática anteriormente poderia estar associada a necessidades económicas e não tanto criativas, como acontece atualmente com mais frequência, uma vez que muitas pessoas tricotam para passar o tempo e para conseguirem expressar a sua criatividade (Jones, 2023; Stannard & Sanders, 2015).

Embora o *tricot* tenha tido vários períodos ao longo da história em que deixou de ser praticado por mulheres mais jovens, voltou sempre a reaparecer, tendo no início dos anos 2000 começado novamente a entrar numa fase de popularidade entre jovens, mas desta vez como uma forma de descontrair e de melhorar a saúde mental, uma vez que é uma prática que consegue transmitir serenidade, podendo mesmo ser comparada ao “novo *yoga*” e não apenas como uma forma de donas de casa ocuparem o seu tempo enquanto esperavam pelos maridos ou tratavam dos filhos (Stoller, 2003).

Relativamente ao *crochet*, acredita-se que este tenha origem na Idade da Pedra embora não existam muitos registos relativos ao mesmo, sendo que foi bastante praticado em França tendo ganho popularidade também devido à diminuição do analfabetismo nas mulheres. Para praticar *crochet* é apenas necessária uma agulha, em que a ponta desta se assemelha a um gancho, de modo a trabalhar o fio através de pontos simples que permitem criar diferentes combinações e até mesmo produzir pontos muito semelhantes aos do *tricot*. (Schapper, 1985)

Estas práticas de artesanato de fibras são consideradas temporais-materiais, pois permitem ver um progresso no trabalho à medida que se entrelaçam os fios. Quando visto como uma forma de lazer, o *tricot* e o *crochet*, permitem ter a liberdade de alternar entre projetos ou até mesmo de não acabar projetos anteriores, isto não lhes tira o seu significado uma vez que, antes de começar qualquer projeto este teve de ser pensado, pelo que não se trata apenas da peça final, envolve também todo o processo criativo, só o facto de se pensar e planear algo já está a atribuir valor ao material. (Jones, 2023)

1.3. O Lazer

O lazer, segundo a obra clássica de Dumazedier (1962), pode representar um escape do dia a dia das pessoas que muitas vezes é composto por preocupações, obrigações ou até mesmo de atividades aborrecidas, não só devido a práticas relacionadas com o trabalho, mas também com obrigações familiares e/ou sociais. Deste modo, não se pode afirmar que o lazer é o tempo disponível após o trabalho profissional, uma vez que existem outras categorias que embora não representem este tipo de trabalho também não podem ser consideradas lazer.

“O lazer é um conjunto de atividades que o indivíduo pode realizar de livre vontade, seja para descansar ou para se divertir, seja para desenvolver a sua informação ou educação desinteressada, a sua participação social voluntária ou a sua livre capacidade criativa, depois de se libertar das suas obrigações profissionais, familiares e sociais.” (Dumazedier, 1962: 28)

Deste modo, o lazer tem como principais objetivos causar relaxamento, entretenimento e desenvolvimento, podendo estes períodos ser substituídos pela realização de várias atividades gratificantes, sendo estas caracterizadas por serem atividades sem carácter de obrigatoriedade ou necessidade. Contudo, existiu uma altura em que a ociosidade e o lazer coexistiram, enquanto a ociosidade, que substitui um trabalho, era vista como uma virtude perante as classes altas decrescia o lazer começou a desenvolver-se nas vidas dos trabalhadores devido ao aparecimento da burguesia trabalhadora e do proletariado, passando o lazer de privilégio a

necessidade, constituindo este parte do bem-estar e liberdade dos trabalhadores (Dumazedier, 1962).

Numa perspectiva mais recente, Stebbins (2015) afirma que o conceito de lazer está intrinsecamente ligado ao tempo livre, pois é neste período de tempo que as pessoas pretendem praticar tarefas que gostam, mantendo-se entretidas enquanto realizam atividades que requerem as suas habilidades e recursos de modo a serem bem sucedidos. Contudo, o lazer não é sinónimo de tempo livre pois este pode ser tedioso e este estado de espírito não poderá ser considerado lazer, uma vez que este proporciona sentimentos positivos no indivíduo.

“Atividade não coerciva realizada durante o tempo livre, que as pessoas desejam fazer e, de maneira satisfatória ou gratificante (ou ambas), utilizam suas habilidades e recursos para ter sucesso nisso. “Tempo livre” é o tempo longe de obrigações desagradáveis, com obrigações agradáveis sendo tratadas aqui essencialmente como lazer, já que o *homo otiosus*, o homem do lazer, não sente coerção significativa para realizar a atividade em questão.” (Stebbins, 2015: 4)

Segundo o mesmo autor, existem três tipos de lazer, sendo estes o lazer sério, lazer casual e os projetos de lazer. O lazer sério (*serious leisure*), refere-se a uma procura constante por uma atividade central envolvendo um compromisso a longo prazo, podendo esta ser considerada como amadora, *hobby* ou voluntária, apresentando estas atividades um carácter substancial, interessante e gratificante para quem as pratica, criando uma “carreira de lazer” que tem por base os conhecimentos e as habilidades adquiridas ao longo do tempo. O lazer casual (*casual leisure*), diz respeito a atividades que são imediatamente gratificantes e de curta duração não necessitando de muita ou nenhuma prática, enquanto os projetos de lazer (*project-based leisure*), caracterizam-se por uma atividade criativa ocasional ou única, com uma curta duração e com algum grau de dificuldade, que poderá ser realizada durante o tempo livre sem qualquer obrigação. (Stebbins, 2015)

Embora os diferentes tipos de lazer se possam relacionar com a prática de artesanato de fibras, pois quando é realizado pouco frequentemente e sem grande comprometimento poderá corresponder a lazer casual. Ou então, quando apenas é realizado com o intuito de executar um projeto em concreto que embora possa requerer um esforço, este não é contínuo após o término do mesmo, como acontece com os projetos de lazer, pelo que ao longo deste trabalho o lazer sério apresenta uma maior importância tendo em conta os casos a estudar. O lazer sério poderá relacionar-se com o artesanato, neste caso o artesanato de fibras, pois quem se dedica a esta prática adquirirá competências, habilidades e experiências relacionadas com a mesma, vista

como gratificante e substancial podendo acabar por criar uma “carreira de lazer”, sendo possível desenvolvê-la ao ponto de se tornarem profissionais, quando recebem uma remuneração pela realização desta mesma atividade. Esta prática poderá ser concretizada com mais ou menos tempo, dependendo das ocupações de cada um destes praticantes, pelo que muitas só se conseguem focar no desenvolvimento das suas “carreiras de lazer” após o término do dia de trabalho. (Stebbins, 2015)

1.4. A Influência entre o Lazer Familiar e o Artesanato de Fibras

Sabe-se que as famílias apresentam um papel fundamental na sociedade, pelo que é importante que estes laços familiares sejam fortalecidos, existindo diversos fatores que poderão auxiliar no aumento da satisfação familiar, como por exemplo existirem objetivos e valores comuns ou até mesmo a realização de práticas de lazer em família. Assim, alguns pais planeiam momentos de lazer com objetivos (*purposive leisure*) de modo que através da realização dos seus planos para passar tempo em família os seus filhos possam adquirir determinadas competências e habilidades, enquanto o bom ambiente familiar é fomentado e o seu tempo ocupado. Estes momentos passam pela realização de diversas atividades de lazer em família, por mais simples que sejam, de modo que os membros da mesma possam fortalecer os laços familiares, uma vez que os elementos da família se encontram satisfeitos com o lazer familiar os mesmos também se apresentam mais propensos a sentir-se satisfeitos com as suas vidas. (Agate et al., 2009; Stebbins, 2015)

Para além disto, Stebbins (2015) afirma que o lazer sério também poderá ser benéfico para o ambiente familiar, pois uma família que partilha os mesmos gostos e que aproveita o tempo em conjunto para praticar atividades que gostam, permite que as suas relações familiares sejam melhores, bem como o apoio que diferentes elementos da família poderão dar a outros membros que também poderá ser benéfico, sendo que o próprio lazer sério, como tinha sido abordado anteriormente, se caracteriza por ser uma atividade gratificante que poderá ajudar no bom ambiente familiar.

Posto isto, sabe-se que práticas de artesanato de fibras, como é o caso do *tricot* e do *crochet*, podem ser consideradas práticas de lazer, podendo ser realizadas em família e, consecutivamente, podem ajudar a fortalecer os laços familiares durante a sua aprendizagem ou mesmo depois devido à partilha de interesses semelhantes. Estas práticas são muitas vezes associadas ao género feminino, como acontece com o *tricot* que vai passando de geração em geração pois é uma prática que poderá ajudar a manter a tradição de família, uma vez que muitas

mães e avós praticavam e/ou praticam este tipo de artesanato e eram estas que, muitas vezes, ensinavam às gerações mais novas esta forma simples de ocupar o tempo, embora anteriormente pudesse estar mais associada a uma necessidade económica e não tanto a uma necessidade criativa, como acontece atualmente com mais frequência (Jones, 2023; Stannard & Sanders, 2015).

1.5. A Integração Social Através do Artesanato

Tal como foi abordado anteriormente, o artesanato poderá ser uma prática realizada em família e em comunidade, pelo que também poderá auxiliar quem pratica a integrar-se em determinadas comunidades. O facto de existirem gostos semelhantes faz com que as pessoas se sintam mais confortáveis na sua convivência, uma vez que tendem a sentir-se mais confortáveis com pessoas que gostam das mesmas coisas e partilham os mesmos interesses, pelo que o gosto por diferentes tipos de artesanato poderá mesmo ser o elo de ligação entre várias pessoas, levando-as a querer juntar-se para realizar esta prática enquanto convivem (Wessendorf, 2014). Estes benefícios também podem ser observados noutros grupos sociais que não o núcleo familiar, uma vez que esta prática conjunta também poderá desenvolver um papel positivo na sociedade e nos grupos das mais diversas formas, como por exemplo ajudar pessoas com necessidades, o meio ambiente por ser uma prática de *slow fashion* e pelo impacto positivo de atividades criativas nos grupos. (Gauntlett, 2011)

Quando contam com um número de indivíduos mais reduzido, os grupos, podem apresentar um carácter mais intimista, em que os indivíduos interagem com frequência apresentando elevadas taxas de interação e sentimentos de intimidade mais desenvolvidos, sendo estes considerados grupos primários onde se integram as famílias e os amigos mais próximos de um determinado indivíduo. Nestes tipos de grupos, uma vez que poderá existir mais contacto e intimidade entre si, acabam por se desenvolver sentimentos de solidariedade e benevolência de uns para os outros, apresentando os indivíduos pertencentes ao grupo um maior compromisso perante os restantes membros. (Turner, 1994; Turner, 2012)

Já os grupos com um maior número de indivíduos, poderão ser menos coesos, uma vez que poderá dificultar a interação uns com os outros, estes grupos geralmente apresentam um tipo de interação mais formal e ocorrem em períodos de tempo mais curtos, sendo considerados como grupos secundários. O facto das taxas de interação entre todos os membros serem reduzidas, devido à dimensão do grupo, poderá provocar o surgimento de subgrupos mais reduzidos dentro deste. (Turner, 1994; Turner, 2012)

Os grupos sociais apresentam um enorme poder de influência perante os indivíduos, sendo esta tanto maior quanto maior for o carácter primário do grupo. Por vezes, poderá pensar-se no que determinados indivíduos, principalmente aqueles com que se mantém um maior contacto e interação, pensariam de uma determinada ação ou escolha. Este tipo de reflexão sobre o que o grupo faria ou acharia, muitas vezes, leva à realização de ações que vão em conformidade com os padrões do grupo social, mesmo que inconscientemente. Posto isto, pode verificar-se que os grupos em que os indivíduos estão inseridos – e até mesmo aqueles em que não estão – moldam a sua forma de agir, sentir, valorizar, entre outras (Turner, 1994). Assim, a pertença a grupos que pratiquem artesanato de fibras, por exemplo, poderá influenciar as suas participantes a seguir padrões idênticos aos seguidos pelo restante grupo.

CAPÍTULO 2

Metodologia

2.1. Objetivo da Investigação

O *tricot* pode ser realizado por motivações de diferentes categorias sendo estas: “cognitiva, afetiva, integrativa pessoal, integrativa social e libertação de tensão” (Stannard & Sanders, 2015: 100). Participar em grupos de artesanato de fibras poderá ser uma mais valia para as suas participantes, uma vez que podem passar mais tempo com pessoas com quem partilham dos mesmos interesses, bem como trocar ideias, ajudar e/ou ser ajudada em técnicas que não dominam e que podem não ser fáceis de aprender apenas com a ajuda de livros e da *internet*.

De modo a ser possível compreender melhor todo o processo de desenvolvimento deste tipo de artesanato, bem como o que leva as pessoas a praticá-lo, optou-se por observar a convivência dentro de dois grupos distintos que praticam artesanato de fibras. Esta observação foi importante para conseguir perceber a forma como interagem, como se ajudavam mutuamente e como comunicavam, entrevistaram-se ainda alguns membros dos grupos de modo a completar a informação obtida através das observações. Assim foi possível estudar o *tricot* e o *crochet* como uma forma de expressão artística, bem como a influência desta nas relações sociais e na formação de uma identidade de grupo.

2.2. População e Amostra

A população alvo desta pesquisa envolveu participantes de dois grupos distintos que praticam *tricot* e *crochet*, ambos os grupos têm lugar na Área Metropolitana de Lisboa. Embora as organizadoras dos grupos tenham consentido a utilização do verdadeiro nome do mesmo, no decorrer do trabalho optou-se por alterá-los não se comprometendo a identidade das participantes e organizadoras, que também vão ser tratadas por nomes fictícios.

O primeiro grupo será denominado de Grupo A (GA), as sessões observadas ocorrem no primeiro andar de uma loja de fios e outros produtos, num município na Margem Sul, há mais de 10 anos, uma vez por semana, sendo que devido ao elevado número de participantes, atualmente, o grupo reúne três vezes por semana. Optou-se por frequentar sempre as sessões que se realizam no mesmo dia da semana, de modo a ser possível observar maioritariamente as mesmas pessoas. É organizado pela dona da loja e é composto essencialmente por mulheres de nacionalidade portuguesa que se encontram reformadas e que se juntam para praticar *tricot* e

crochet. As 6 sessões frequentadas decorreram durante o início da tarde e tiveram uma duração de 3 horas cada.

O segundo grupo será denominado de Grupo B (GB) e reúne uma vez por semana, normalmente no mesmo dia podendo este mudar caso necessário, juntando pessoas para praticar *tricot* e *crochet* numa das salas de um centro cultural em Lisboa. As sessões realizaram-se em salas ou até mesmo no exterior, dependendo das condições meteorológicas, tendo ocorrido uma sessão fora do centro cultural. Este grupo foi criado há cerca de um ano e meio, composto principalmente por jovens adultas imigrantes na faixa dos 20/30 anos, tendo a própria organizadora imigrado para Portugal há cerca de 5 anos. As sessões decorreram na sua maioria ao fim da tarde/início da noite, tendo uma duração de 2 horas a 2 horas e 30 minutos.

O GA tem um grupo no *Facebook* com mais de 9 mil membros, podendo qualquer pessoa aceder, sendo que durante as sessões podem aparecer novos elementos para participar nestas, enquanto o GB tem um grupo no *WhatsApp* composto por 80 membros ao qual se pode juntar qualquer pessoa que tenha interesse em participar, neste grupo é criada uma sondagem antes da sessão de modo a saber quantas participantes irão participar.

2.3. Modelo de Análise e Recolha de Informação

Para esta investigação, utilizaram-se como métodos de investigação: a experiência direta, frequentando sessões e interagindo com os elementos dos grupos, enquanto também se realizam estas práticas, conseguindo assim observar as interações e dinâmicas presentes nos grupos; a ação social: através da qual foi possível perceber as interações entre os elementos dos grupos, bem como analisar aquilo que o *tricot/crochet* e o grupo representam para estes, não só através do que era dito como das próprias atitudes; a fala: de modo a complementar os dois métodos anteriores, permitiu compreender melhor as suas intenções e significados relativos à prática, e assim também conhecer melhor os elementos através das suas conversas e questões colocadas, subtilmente, para além das entrevistas posteriormente realizadas (Lofland, et al., 1995).

De modo a recolher a informação, realizou-se uma observação participante, fazendo esta parte da observação direta, que permite ao investigador frequentar diversos locais dos contextos sociais a estudar, neste caso os grupos de prática de artesanato de fibras, com o intuito de poder conversar com as participantes destes contextos, para além de ter acesso às suas atividades do quotidiano (Costa, 1986). Assim, frequentaram-se 6 sessões em cada um dos grupos, perfazendo um total de 12 observações, possibilitando a convivência com os membros durante a prática, de modo a possibilitar a criação de um diário de campo para descrever aquilo que se

observava. Durante as sessões apenas se apontou alguns temas importantes para a escrita do diário de campo, que se realizava após cada sessão de modo a não influenciar as participações. Para efetuar as observações, entrou-se em contacto com as organizadoras dos grupos, para explicar o projeto, que posteriormente entraram em contacto com as participantes, para dar conhecimento da investigação a decorrer.

No diário de campo, relativamente a cada sessão apresentou-se a data, o local, o número de elementos, quantos destes saem e quantos entram a meio das sessões. Apresenta, ainda, diversas anotações que se consideraram pertinentes relativamente a conversas, atitudes, situações, entre outros, sendo que apenas se irá abordar alguns aspetos deste diário devido a questões de privacidade das próprias participantes (Lofland, et al., 1995).

Após o término das observações participantes e de ter sido criada alguma ligação com os membros dos grupos, avançou-se com entrevistas à organizadora de cada grupo bem como a 3 participantes de cada um destes, correspondendo assim a um total de 8 entrevistas (4 entrevistas por grupo), sendo que para escolher os 3 membros a entrevistar no GA questionou-se, numa das suas sessões, quem estaria interessada em realizar as entrevistas, uma vez que é um grupo de maiores dimensões e em que as participantes costumam ser muito assíduas, quanto ao GB, que é um grupo de menor dimensão, tentou-se entrevistar participantes que costumam ir às sessões e que já as frequentam há algum tempo, sendo que a própria organizadora também referiu alguns dos membros que poderiam ser entrevistados. Estas entrevistas foram realizadas com o intuito de perceber como e quando começaram a aprender, com que frequência praticam, qual o significado desta expressão artística para elas, o que representa aquele grupo nas suas vidas, entre outras questões (anexo B).

Optou-se pelo formato de entrevista, por estas darem mais liberdade à utilização de questões de opinião, bem como uma opinião mais natural e honesta daquilo que as entrevistadas sentem relativamente a este tipo de prática (Quivy & Campenhoudt, 1992). As entrevistas realizadas apresentam um formato flexível, uma vez que para além do guião utilizado como base poderiam surgir novas questões durante as mesmas ou até mesmo questões que foram respondidas ao mesmo tempo ou por diferentes ordens, tendo em atenção se os tópicos fundamentais foram abordados (Lofland, et al., 1995). Elaborou-se um documento de consentimento informado, para que cada entrevistada pudesse assinar, onde também consta a permissão para que as entrevistas fossem gravadas de modo a facilitar a sua transcrição e poderem ser utilizadas na investigação sobre o tema.

Elegeu-se a realização destes dois métodos de recolha de dados, pois estes completam-se pelo que permitem uma maior compreensão sobre o estudo, uma vez que através da observação

foi possível verificar como ocorria a prática de grupo, bem como a sua constituição, contudo existem informações que não poderiam ser obtidas apenas através da observação como é o caso de experiências mais pessoais, a caracterização socioprofissional e informações sobre a criação dos grupos, possibilitando a verificação de dados coincidentes entre a observação direta e as entrevistas, obtendo-se assim uma visão mais completa do tema em estudo.

CAPÍTULO 3

Resultados

Neste capítulo será elaborada uma análise da observação participante, realizada durante as seis sessões de cada grupo, e das entrevistas realizadas às organizadoras e participantes dos mesmos. Ao longo da observação foi possível verificar as interações e dinâmicas entre os membros dos grupos enquanto estes estão num contexto descontraído e espontâneo tendo estas início a 27/05/2024 e término a 22/07/2024. Decidiu-se ainda que 4 entrevistas por cada grupo seria o número adequado para completar os dados obtidos através da observação direta, achou-se essencial entrevistar também as organizadoras dos grupos, pelo que apenas 3 entrevistas, por grupo, foram realizadas a participantes. As entrevistas tiveram uma duração entre os 6 e os 20 minutos e foram todas realizadas a participantes do género feminino, decorrendo entre o dia 25/07/2024 e 02/08/2024.

O guião das entrevistas foi dividido em 5 partes – a própria, o grupo, ocupação, dados pessoais e considerações finais (ver anexo B). Na primeira parte as questões focam-se na experiência pessoal e individual da prática por parte das entrevistadas e a segunda refere-se à experiência da prática em grupo. A terceira e a quarta parte surgiram da necessidade de criar uma caracterização de cada grupo, pelo que se realizaram algumas questões relativas às suas ocupações, de modo a perceber as suas condições socioeconómicas e os dados pessoais surgiram da necessidade de perceber as nacionalidades dos diferentes membros uma vez que um dos grupos é composto maioritariamente por imigrantes, tendo acabado por entrevistar 3 pessoas de outras nacionalidades, que não portuguesa, no GB.

3.1. A Organização

Os grupos estudados apresentam duas origens e organizações distintas, sendo que a Alice (organizadora do GA) explicou que a sua motivação para criar o grupo surgiu da sua experiência de vida nos EUA, onde vivia perto de uma loja de *tricot* que tinha uma mesa no meio para que as mulheres pudessem sentar-se a realizar os seus projetos bem como a dona da loja, durante o tempo que quisessem, neste local também existia entreaajuda por parte das suas participantes. Assim, quando voltou para Portugal e abriu a loja, há mais de 20 anos, sabia que queria também ter uma mesa onde as pessoas pudessem conviver enquanto realizavam os seus projetos, contudo este sonho só se concretizou mais tarde, pouco antes de mudarem o espaço da loja há 12/13 anos, tendo esta mudança ajudado na criação destas sessões, às quais frequentemente chamam de “aulas”. Estas aulas ocorrem no primeiro piso da loja, onde foram colocadas mesas

todas juntas para que as participantes se sentem à sua volta para praticar, aproveitando para comprar os materiais necessários na loja. As sessões, que começaram por ser apenas uma vez por semana, tiveram uma grande adesão pelo que atualmente já reúnem 3 vezes por semana. A ideia de estar também sentada à mesa para ajudar foi um pouco difícil de concretizar para a organizadora:

“Infelizmente não pude ter tempo para estar sentada à mesa com as senhoras, tinha que trabalhar para a loja vingar (...). Quando mudámos para esta loja, quer dizer, também comecei um bocadinho na outra antes de a mudarmos, tínhamos aulas mas nem sempre era eu a dar, porque eu não tinha tempo, tinha alguém que ir dar as aulas.”

[Alice, 57]

O GA tem muitas participantes, sendo estas assíduas, havendo um grande número de pessoas em cada sessão, tendo este variado entre as 14 e 24 participantes sentadas à mesa a praticar (excluindo-me da contagem bem como a organizadora e as pessoas que trabalham na loja que também costumavam estar na sala sem praticar). O facto de ser um grupo com uma grande adesão tornou um pouco difícil a interação com todas as participantes, uma vez que não era possível ficar perto de todas, bem como a observação das diferentes interações. A organizadora do grupo, embora costume estar na loja e muitas vezes perto das participantes, não praticava *tricot* ou *crochet* ao mesmo tempo, contudo se for precisa ajuda em qualquer aspeto está disponível para tal.

Nota de Campo GA (04/06/2024): “Como têm aparecido muitas participantes deixou de haver cadeiras livres, pelo que tiveram de usar os bancos que estão no canto da sala, mas esta sessão estava tão cheia que não havia banco para uma mulher que passou por lá rápido para pedir ajuda.”; “O grupo é grande pelo que só me consigo focar em algumas interações.”

Outro ponto observado foi o momento da chegada. As participantes chegam mais cedo e começam a juntar-se à porta da loja aproveitando para conviverem enquanto a mesma não abre após a hora de almoço, partilhando as suas novidades e procurando perceber como estão as restantes participantes. Embora também vão chegando outras no decorrer das sessões, a grande maioria reúne à porta.

Nota de Campo GA (04/06/2024): “Antes das 15h já estão imensas participantes à espera que a porta abra conversando, animadamente, umas com as outras.”

Quanto ao GB, este surgiu da vontade da Bianca (a organizadora), que se mudou para Lisboa há quase 5 anos, de conhecer pessoas com os mesmos gostos uma vez que sentiu que embora conseguisse criar algumas amizades estas pessoas acabavam por não ficar muito tempo no país. Assim, decidiu começar este projeto procurando um local onde fosse possível realizar as sessões, tendo criado o grupo há cerca de um ano e meio. Neste grupo conheceu pessoas novas, bastante jovens, que partilham a mesma paixão, apesar de algumas destas terem deixado o grupo por se terem mudado novamente.

“I had some friends, but, you know, when you meet foreign people, they come and go and I thought about, okay, maybe since Lisbon is a really big city with many young people from different nationalities, and crochet is developing as a hobby, in my case it's just crochet, it's not anymore a niche hobby (...), I think that now a lot of people start doing it or get interested in doing it. (...) I found a venue and then I put it online on Meetup, it's like an application where there are a lot of events.”¹

[Bianca, 28]

Embora o GB se tenha encontrado maioritariamente no mesmo local, a sala ia variando consoante a disponibilidade, sendo que as sessões até passaram a ser realizadas no exterior à medida que as condições meteorológicas o permitiram, ocorreu ainda uma sessão num jardim, sendo que durante o verão o grupo tenta, para além da sessão semanal, fazer outros planos para conviverem com ou sem a prática de *tricot* e *crochet*.

Nota de Campo GB (01/07/2024): “Falámos sobre ir a um restaurante de sushi num fim de semana e assim também era uma despedida para a Banu que vai mudar de país. A Bianca diz que quer fazer mais atividades diferentes com o grupo durante o verão.”

Este grupo apresenta um número mais reduzido de participantes por sessão, tendo este variado entre 4 e 7, excluindo-me da contagem, e na sessão com mais pessoas não foram contabilizados amigos e familiares que estiveram ou apareceram, pois, estes não praticaram *tricot* ou *crochet*. Neste grupo a organizadora pratica como qualquer outro membro, daí ter-se contado com a mesma no número de participantes por sessão. Relativamente ao início das

¹ Ao longo do texto, serão apresentadas algumas citações de entrevistas em inglês pois refletem a forma como as entrevistadas se expressaram, tentando preservar a autenticidade das entrevistas.

sessões, as pessoas vão chegando normalmente por volta da mesma hora, juntando-se no local onde se realiza a sessão para dar início aos seus projetos.

Nota de Campo GB (01/07/2024): “Primeiro cheguei eu e a Bárbara, que na semana passada tinha ficado ao pé de mim e começámos logo a trabalhar nos nossos projetos (...). Os restantes membros foram chegando ao longo da sessão (...).”

3.2. Caracterização do Grupo

Relativamente à caracterização, ao longo das sessões observadas foi verificado que o GA era composto maioritariamente por mulheres mais velhas que já têm filhos e/ou netos, e uma parte destas já se encontram reformadas, contudo noutras alturas já tiveram a participação de pessoas do género masculino. Algumas das mulheres, às vezes, levam familiares para também aprenderem estas técnicas. Neste grupo qualquer pessoa pode entrar, estando as participantes sempre dispostas a ensinar não só as colegas como também pessoas que queiram aprender.

Nota de Campo GA (09/07/2024): “Uma rapariga foi ao grupo pela primeira vez porque queria aprender e a Alice sentou-a ao pé da Alzira para a ajudar.”

Através das questões de caracterização, foi possível perceber melhor e comprovar algumas características observadas relativas à composição dos grupos bem como o perfil dos membros, assim verifica-se que as quatro entrevistadas – Alice, Antónia, Anita, Andreia – tem idades compreendidas entre o fim dos 50 e os 60 anos. Todas as entrevistadas têm nacionalidade portuguesa, contudo a Alice falou sobre os anos em que viveu no EUA e em como estes impactaram a criação deste grupo, como já foi referido anteriormente. Relativamente à escolaridade duas das entrevistadas realizaram um bacharelato, a Alice concluiu o Ensino Secundário e ainda realizou um curso de pós-graduação e a Andreia concluiu o 3º Ciclo.

Para as entrevistadas esta prática apresenta apenas uma forma de lazer, contudo no caso da Alice e da Antónia também pode ser considerado uma fonte de rendimento uma vez que a Antónia vende algumas peças a uma loja, a preços muito baixos.

“Eu pratico preços mais baratos, porque sei que uma segunda pessoa vai vender a uma terceira pessoa e também tem o lucro dela, por isso faço mais barato. (...) Eu não consigo viver com aquilo que eu ganho a fazer as coisas.”

[Antónia, 60]

Relativamente à situação da Alice, embora tenha uma loja e trabalhe nela, não sabe se considera que esta seja uma fonte de rendimento, pois aquilo que pretende, em primeira instância, é que as pessoas estejam bem e que possam e gostem de aprender com material que esta aprecia e que considera ter qualidade, não se preocupando muito com o rendimento.

“É lazer porque eu gosto das coisas. (...) Se vier o rendimento, melhor. Por isso, é uma forma de rendimento porque eu tenho a loja, mas eu uso as coisas porque eu gosto realmente.”

[Alice, 57]

As entrevistadas do GA apresentam como profissões atuais: dona de uma loja, reformada, artista e cuidadora.

O grupo GB é maioritariamente composto por raparigas imigrantes, com cerca de 20/30 anos, contudo também se observaram algumas sessões em que participaram rapazes da mesma faixa etária (não sendo esta presença significativa por serem apenas dois e pelo número reduzido de sessões em que participaram), sendo que as quatro entrevistadas – Bianca, Birgit, Bitá e Bruna – têm idades compreendidas entre o fim dos 20 e início dos 30 anos. Apenas uma das entrevistadas tem nacionalidade portuguesa – a Bruna – as restantes têm como nacionalidades italiana, norueguesa e iraniana, respetivamente, sendo que apenas a Bianca se mudou para Lisboa para estudar, embora tenha acabado por aí ficar a viver. Todas trabalham nesta cidade atualmente e a presença de diversas nacionalidades neste grupo obriga a falar-se maioritariamente em inglês, para ser perceptível por todas as participantes.

Relativamente à escolaridade, a Birgit é a única entrevistada que apenas realizou uma licenciatura, as restantes completaram todas o mestrado.

Neste grupo, também pode comparecer qualquer pessoa que tenha interesse, contudo embora exista entreajuda entre as participantes, o grupo não tem como objetivo ensinar a prática de raiz, pelo que se pressupõe que quem participa já tenha conhecimentos de modo a conseguir trabalhar nos seus próprios projetos, não querendo o mesmo dizer que se tiverem dúvidas ou se precisarem de ajuda e outras opiniões não as possam ter.

Nota de Campo GB (27/05/2024): “Um rapaz ficou a olhar e perguntou se era um grupo de *crochet* e se o ensinavam (...) a Bianca explicou que estas sessões são para pessoas que já sabem as técnicas e fazem sozinhas os seus projetos (...) contudo sentou-se um bocado ao seu lado a tentar ensinar.”

Quando questionadas sobre o papel do *tricot/crochet* na sua ocupação foi de notar que apenas a Bianca vê a sua prática de *crochet* como uma forma de rendimento, embora a própria admita que é bastante difícil que esta seja uma principal fonte de rendimento pois para vender peças acabadas, o seu valor deverá ser elevado de modo a também ser possível valorizar o trabalho manual, para além do material. Por esta razão, a Bianca prefere organizar *workshops* ou outras atividades que permitam interações pessoais pois é algo que gosta de fazer, contudo os *workshops* continuam a não ser uma grande fonte de rendimento.

“I try to make some income, but of course it's like a second (source of income), It's really hard to make it your only way of having an income. I mean, it depends on what's your goal, if you want to sell finished pieces, it's hard because you should put high prices, because you really need to find a targeted public that can afford and it's very interested in handmade things because of course you still have to give value to your work because between material and time and efforts, and experience, it's a lot.”

[Bianca, 28]

Embora para as restantes entrevistadas a prática de *tricot/crochet* seja apenas uma prática de lazer, a Bitá aproveita para também reforçar que não considera esta uma boa fonte de rendimento, acabando por ir de encontro com a opinião da Bianca.

“I think crochet is not a good source of income because it is very lengthy. It takes a long time and it becomes really expensive. So, to sell it for what it's worth is usually not profitable.”

[Bitá, 34]

As entrevistadas do GB apresentam como profissões: especialista em otimização de marketing, gestora de serviço ao cliente e garantia de qualidade, professora de inglês e explicadora.

Quando questionadas se consideravam a prática de *tricot/crochet* artesanato as entrevistadas de ambos os grupos responderam que sim.

3.3. A Prática Individual

Relativamente à prática individual, esta é principalmente caracterizada através das entrevistas, uma vez que na observação participante verificam-se mais aspetos relativos à prática em grupo que a individual. No GA, à exceção da Anita, as entrevistadas começaram a realizar esta prática

quando eram bastante novas, entre os 8 e 9 anos, sendo que a Andreia não se lembra ao certo da idade apenas que era muito nova quando começou a aprender, já a Anita apenas aprendeu após atingir a maioridade, por volta dos 18/20 anos de idade. Das entrevistadas, apenas a Antónia e a Andreia aprenderam com familiares, nomeadamente as suas mães, sendo que a Antónia afirma que foi obrigada a aprender, pois era frequente na altura, acabando por manter o gosto pela prática afirmando que sempre teve um gosto pelas artes, tal como a Anita. A Andreia aprendeu os primeiros passos de *tricot* e *crochet* com a sua mãe porque lhe pediu para a ensinar e desde aí também não parou de praticar. A Alice aprendeu com grupos de mulheres que praticavam na praia, antes disso apenas tentava imitar, sem sucesso, o que via outras pessoas a fazer, a Anita também aprendeu com outras pessoas que não familiares, nomeadamente vizinhas e amigas, pois a sua mãe e a suas avós não sabiam fazer para a ensinar.

Relativamente à frequência das suas práticas, embora as entrevistadas afirmem que houve outras alturas em que não praticaram com tanta frequência, à exceção da Andreia, que não referiu este aspeto, atualmente a Alice pratica quase todos os dias, explicando que como tem a loja precisa de praticar com mais frequência para fazer amostras, a Antónia e a Andreia praticam *tricot/crochet* todos os dias e a Anita diz que pratica todos os dias ou quase todos os dias, dependendo da altura do ano.

Relativamente às suas motivações, para a Andreia o que a motiva é conseguir produzir a sua própria roupa acabando por se inspirar pelas revistas, pelo *Pinterest* e pelo próprio grupo, a Anita também se sente inspirada por fazer roupa, contudo para outras pessoas e principalmente para as suas sobrinhas inspirando-se nas revistas, no *Pinterest* e na televisão, para além dos pedidos das suas sobrinhas, que às vezes lhe mostram o que gostam ou então a própria mostra algo e estas dizem se lhes agrada e de que cores querem. A Alice afirma que o que a motiva é vender os fios e também o facto de gostar dos produtos que vende, pois, as amostras que faz no fim ficam para si e, por fim, o que motiva a Antónia também está relacionado com negócios uma vez que faz produtos de bebê para algumas lojas online.

“Eu tenho três senhoras que têm uma loja online, então elas pedem-me coisas de bebê, mandam-me fotografias e eu faço disso o meu passatempo, quase como se fosse uma profissão, elas pagam-me e estou entretida.”

[Antónia, 60]

Ao longo das sessões foi possível verificar que muitas participantes terminavam algumas peças, que iam mostrando quando as finalizavam, sendo notório o seu orgulho pelos trabalhos enquanto as colegas as elogiavam. Numa das sessões, a Adriana, uma das participantes, partilhou que fazia várias peças quando era mais nova, tendo algumas sido encomendas, e foi bastante notório o orgulho com que descrevia o processo de criação e a beleza que para si tinham aquelas peças.

Nota de Campo GA (25/06/2024): “A Adriana falou sobre os projetos que fez quando era mais nova e, enquanto conta isto vê-se o orgulho com que fala das peças que fez tão bem, agora queixa-se que as mãos já não aguentam.”

Outro aspeto que também observado foi que muitas participantes faziam peças para familiares, sendo que havia algumas que também faziam peças para elas próprias.

Nota de Campo GA (09/07/2024): “A Alda queria fazer uma peça para a sua neta visto que gostava de fazer coisas para a família.”; “A Amélia está a fazer uma peça para o seu filho.”

Quanto ao grupo GB, a Bitá e a Bruna começaram a aprender quando tinham entre os 10 e os 12 anos, sendo que ambas aprenderam num verão quando estavam de férias letivas. A Bruna explica que começou a demonstrar curiosidade por esta prática, que era comum entre as suas familiares, pois a sua avó e bisavó praticavam-na sempre depois do almoço, pelo que nesse verão a sua avó acabou por ensiná-la devido à sua curiosidade. A Bitá também aprendeu com uma familiar, neste caso a sua mãe, que a queria manter entretida durante o verão, explicando também que para além de sempre ter gostado de trabalhos manuais tinha esta curiosidade por ver as pessoas à sua volta a fazer, como era o caso da sua avó, mãe e tia e assim aprendeu a criar a sua primeira peça, embora tenha parado de praticar na altura do ensino secundário, apenas retomando por volta dos 25 anos.

A Bitá aproveitou para explicar que embora só tenha começado a aprender a fazer *crochet* com 10/11 anos, esta prática sempre fez parte da sua vida, pois apesar de nunca ter visto ninguém a praticar *crochet* até então, sabia que esta técnica existia ao ver peças feitas pela sua mãe na sua casa. Referiu ainda que no seu país o *crochet* é uma prática muito presente nas suas casas, até pelo facto de realizarem luvas utilizadas no banho nesta técnica, sendo que esta peça foi mesmo a primeira coisa que aprendeu a fazer em *crochet* com o auxílio da sua mãe, que fazia as luvas para toda a família.

“How crochet came to my life, or it's just a part of the lives of us Iranians, is that there are a certain thing that is like a glove, but you use it in the bath to wash yourself. So, it is crocheted. It's always crocheted, a glove for bath in Iran. So, the first thing I learned was this, because my mom taught me.”

[Bita, 34]

Já a Bianca e a Birgit começaram a praticar mais tarde, embora a Birgit tenha aprendido algumas coisas simples, que acabou por esquecer, com a sua avó e também na escola apenas retomou em abril de 2020 devido à pandemia de COVID-19, pois passou a ter mais tempo para reaprender. A Bianca embora só tenha aprendido há cerca de 7 anos, por volta dos seus 21 anos, sempre teve estas práticas bastante presentes na sua vida por sempre ter tido as suas avós, que para além de praticarem *tricot* e *crochet*, ainda realizam muitas outras atividades que envolvem trabalhos manuais, pelo que o facto de estar rodeada por este ambiente criativo causou uma grande inspiração que a levou a experimentar também.

“They've always been, and still, super creative and really, I don't know, excited to have a project. It didn't matter which project, they really love the idea of creating something or doing especially something for someone else, that could be me, my mom or my grandpas, and this is not just related to crochet or knit, they also paint, they sew, they make their own clothes, they do embroidery, they cook. I've always been surrounded by a really creative environment.”

[Bianca, 28]

Quando questionadas relativamente à frequência com que praticam, atualmente a Birgit e a Bianca afirmam que praticam diariamente, sendo que a Bianca explica que esta prática faz parte do seu dia a dia independentemente de quanto tempo despende. A Bita refere que, embora faça de forma contínua, a frequência com que pratica depende do projeto e de quão comprometida se sente com o mesmo, podendo variar entre todos os dias, algumas vezes por semana ou até só durante o fim de semana. A Bruna tenta praticar todos os dias embora quando esteja com mais trabalho tente praticar pelo menos uma vez por semana.

Os fatores que motivam e inspiram a prática são variados, a Bianca explica que o que realmente a motiva são as suas avós, bem como a ideia de criar algo novo que possa mostrar aos outros para que vejam o que é possível realizar manualmente, sendo esta não só uma tradição, mas também um bom *hobby*. O que inspira a Birgit é o *Pinterest*, contudo também se sente motivada pelo facto sentir que não pode confiar no processo de manufatura das lojas.

“I feel like a lot of clothes are overpriced, at least if they're good quality, they're overpriced. You can't really trust the manufacturer so, I want to make it, at least make as many clothes as possible myself.”

[Birgit, 27]

A Bitá, sente-se motivada pelo facto de conseguir fazer peças que pode utilizar, para além de poder orgulhar-se de si própria e dizer a toda a gente que foi ela que fez determinada peça o que a faz sentir bem, como se fosse uma meditação para si, também se inspira em peças que vê e de que necessita, sentindo-se bem quando vê algo no *Pinterest* e pensa que o consegue fazer. Por fim, a Bruna sente-se motivada pela criatividade e pelo facto de produzir peças novas e diferentes das que já tinha anteriormente, aprendendo técnicas novas, refere ainda que retira algumas ideias do *Pinterest*, revistas mais antigas da sua avó e até mesmo de peças que vê em lojas, mesmo que não as faça iguais.

Relativamente às peças produzidas durante as sessões, muitas vezes eram peças mais comuns e peças que estavam na moda, ainda que algumas vezes realizassem projetos completamente diferentes daquilo que normalmente se faz no grupo.

Nota de Campo GB (03/06/2024): “A Brenda estava a fazer uma mala original sem a planear previamente, não se lembrando exatamente de como tinha realizado a primeira metade para fazer a segunda igual.”; “A Bianca estava a fazer um projeto completamente original, uma vez que quer fazer um chapéu em forma de sardinha para os Santos Populares.”

3.4. A Prática de Grupo

Neste capítulo abordar-se-á a prática de grupo, de modo a perceber como as entrevistadas são impactadas por esta. Relativamente às participantes do grupo GA, a Antónia começou a frequentar o grupo há anos, pois já conhecia a loja e um dia foi comprar novelas e convidaram-na a participar, desde então nunca mais deixou de o fazer pois também apreciou o facto de ter companhia. A Anita e a Andreia começaram a frequentar o grupo há menos tempo e referem que o motivo pelo qual o começaram a fazer foi para não estar tanto tempo sós em casa, sendo que a Anita sentiu a necessidade de se juntar a este após a morte do marido que a levou a isolar-se, principalmente depois da pandemia de COVID-19, pelo que o grupo foi benéfico para poder socializar e sair mais de casa apesar de não conhecer as pessoas, contudo já conhecia a loja tal como as restantes entrevistadas.

As participantes concordam que a prática em grupo as fez ver o *tricot* e o *crochet* de forma diferente devido ao convívio, pois podem ter ajuda quando estão com algumas dificuldades, o que as leva a também arriscar a fazer peças diferentes daquilo a que estavam habituadas e que não pensavam fazer previamente. A Andreia refere que sente que ter a ajuda do grupo quando não sabe é fundamental e que aprendeu métodos novos, a Anita reforça esta ideia, afirmando que também se sente mais confiante e que aprendeu fazer técnicas novas como é o caso de *crochet*, que nunca tinha feito e que agora aprendeu com o auxílio do grupo.

“Gosto mais (da prática no grupo) porque ensinam-nos coisas que não sabemos, faço coisas que nunca pensei fazer e em casas sozinhas temos muita coisa que nos ensina, mas é diferente.”

[Anita, 59]

O tópico da entreajuda é abordado pelas participantes, uma vez que todas consideram este muito importante na prática de grupo, sendo que a Antónia refere mesmo que esta prática a ajuda a fazer os seus projetos mais rapidamente.

“Com o convívio faz-se as coisas muito mais depressa, porque uma diz uma coisa, outra diz outra. Entreajudamo-nos umas às outras, o que eu sei fazer ensino, o que eu não sei pergunto.”

[Antónia, 60]

Neste grupo, em todas as sessões observadas, verificou-se o forte apoio de participantes a responder às dúvidas das colegas, também porque em todas as sessões existiam pessoas com dúvidas devido a pequenos obstáculos que iam surgindo nas suas práticas, demonstrando também resiliência para procurarem aprender e não desistir, devendo-se esta também ao apoio por parte do grupo que ajuda nestes momentos.

Nota de Campo GA (11/06/2024): “Uma participante estava a fazer uma camisola a começar pela gola e pediu ajuda com a parte das mangas à Adelaide, que lhe disse que esta já estava demasiado comprida, necessitando de desmanchar uma parte. Posteriormente a Adelaide ajudou a apanhar as malhas e a começar as mangas.”

Nota de Campo GA (25/06/2024): “A Antónia mostrou-se muito paciente a ajudar, verificando se estava a correr bem e no fim de cada volta tentava perceber se tinha fio suficiente por trás. (...) Antes disto, a Antónia já me tinha ensinado uma técnica melhor para dar nós e fica sempre atenta para ver se estou a fazer bem para me ajudar.”

Foi ainda notório que quando era necessária ajuda, as participantes recorriam maioritariamente às mesmas colegas pelo que pareceu que eram estas as participantes com mais experiência e com mais conhecimentos, de modo a conseguirem esclarecer as dúvidas das restantes, contudo não quer dizer que outras participantes não tirassem também dúvidas. Foi ainda possível notar que estas também demonstravam paciência para além de se mostrarem disponíveis para explicar e ensinar as técnicas.

Nota de Campo GA (28/05/2024): “Reparei que recorriam à Alzira para tirar dúvidas ou até para fazer alguns acabamentos nas suas peças.”

Nota de Campo GA (11/06/2024): “É visível os diferentes níveis uma vez que algumas participantes costumam pedir ajuda à Adelaide, Alzira e por vezes à Antónia que ajeitam as partes que estas não conseguem, para além de dar dicas.”

Os momentos de entreajuda nem sempre se limitavam a um pedido de auxílio que resolvia o assunto, por vezes até as próprias participantes que estavam a ajudar tinham dificuldades, pelo que o projeto acabava por gerar um momento de pensamento por parte de várias participantes, que tentavam solucionar o problema em conjunto, criando assim momentos de colaboração entre o grupo, promovendo um ambiente de apoio mútuo que poderá ser bastante importante para fortalecer os laços entre o mesmo.

Nota de Campo GA (04/06/2024): “Uma participante estava com dificuldades a fazer a sua peça e pediu ajuda à Adelaide e à Andreia, que perceberam que ela acrescentava malhas sem querer tentando remediar, mas não conseguiram pelo que necessitou mesmo de desfazer algumas voltas. Após isto teve de pedir ajuda a outra colega para apanhar as malhas e, posteriormente às primeiras colegas para arranjam novamente o projeto, contudo estas também não conseguiram pelo que necessitou de pedir ajuda à Alzira.”

A Antónia ao falar do grupo aproveita ainda para afirmar que, este também foi um fator que a levou a ver esta prática como arte e não apenas como um passatempo como via antes.

“Fui aperfeiçoando, fui diversificando e agora vejo isso como uma arte, antigamente era um passatempo”.

[Antónia, 60]

Durante a observação participante, reparou-se que o grupo não era apenas um espaço onde se pratica *tricot* e *crochet*, mas também um local onde ocorrem interações sociais através de ações espontâneas notórias na coesão do grupo, que se mostra confortável e à vontade. Existe um interesse por parte das participantes pelos projetos anteriores umas das outras, havendo curiosidade relativamente a se a pessoa a quem iam oferecer o mesmo tinha apreciado a oferta, demonstrando também interesse pelos seus projetos atuais.

Nota de Campo GA (28/05/2024): “Observei um à-vontade entre as participantes pois já se conhecem e convivem há muito tempo, questionavam umas às outras se a pessoa para quem fizeram o projeto anterior tinha gostado e se tinha ficado bem, demonstrando muito interesse em ver o progresso umas das outras e dar opiniões sobre como fazer.”

As sessões caracterizam-se por ter um bom ambiente e momentos de brincadeiras entre as participantes relativamente aos mais variados assuntos, como os projetos que precisam de ser desmanchados, sendo esta prática abordada com humor de modo a tornar o ambiente do grupo mais descontraído, para além de outras relativamente a problemas que ocorriam ao longo dos projetos.

Nota de Campo GA (04/06/2024): “Muitas brincadeiras entre elas sobre vários aspetos e também brincam com as colegas quando as veem a desmanchar.”

A Antónia comentou, em tom de brincadeira, que passava a primeira hora e meia de cada sessão a conversar pelo que só começava a sua prática após isso, este comentário demonstra o quão importante é a socialização para o normal funcionamento do grupo e das suas relações interpessoais. Para além disto, existem ainda outras pequenas práticas que criam um ambiente de grupo mais forte como é o caso da partilha de fruta em todas as sessões entre as participantes e da lotaria, à qual a maioria do grupo se junta para contribuir e participar, criando uma prática de grupo.

Foi também possível observar que o grupo, para além de servir como um espaço de aprendizagem e de convívio, serve também como um espaço de influência e inspiração para as participantes, mostrando que por vezes as escolhas individuais poderiam ser moldadas pela prática de grupo, como aconteceu com uma mulher que após verificar que a grande maioria do grupo estava a trabalhar em projetos de verão quis começar um projeto novo, antes de acabar o que estava a fazer, para também estar a trabalhar no mesmo tipo de projeto. Foi ainda notório

que havia vontade por parte das participantes de realizar projetos idênticos aos que as colegas tinham feito, após as mesmas os concluírem, mostrando que o trabalho de outras pessoas também as inspirava e motivava a fazer peças novas que viam ser feitas, aproveitando para pedir conselhos sobre as medidas e sobre o processo de criação no geral.

Nota de Campo GA (11/06/2024): “A Alda estava tentada em mudar de projeto que estava a fazer uma vez que estava toda a gente a fazer peças de verão.”

Nota de Campo GA (18/06/2024): “Querem fazer o mesmo umas das outras, inspiram-se no que as colegas fazem e pedem opinião sobre as medidas a usar uma vez que há quem já tenha feito.”

Verificou-se que para além da entreajuda, tanto relativamente à técnica como à criatividade, a dinâmica do grupo também se mostrava como muito encorajadora e de suporte emocional quando surgiam momentos de insegurança ou de dúvidas nas suas próprias capacidades, tendo isto sido observado quando uma mulher, que tinha pedido ajuda, duvidou destas e disse que não conseguia fazer uma parte do projeto, tendo logo de imediato recebido apoio por parte da colega que a estava a ajudar, incutindo-lhe confiança. Observou-se ainda que, quando uma das participantes finalizava um dos seus projetos o mostrava ao restante grupo que elogiava sempre muito, fazendo com que se notasse um sentimento de orgulho ainda maior por parte da participante.

Nota de Campo GA (25/06/2024): “Uma participante pediu ajuda à Adelaide para iniciar o novo projeto, duvidando das suas capacidades e a Adelaide disse logo que claro que conseguia fazer na tentativa de dar força e apoio à colega.”

Esta falta de confiança é também abordada pela organizadora, que afirma que algumas das mulheres têm pouca de confiança nelas próprias e que o grupo e a prática conjunta as podem ajudar a melhorar esta situação.

“Muitas pessoas não têm confiança no que fazem (...). Eu acho que com os convívios acabam por ficar mais confiantes. (...) Quando veem outras pessoas e interagem acabam por fazer um bocadinho mais difícil numa próxima vez.”

[Alice, 57]

A Alice, organizadora do GA, embora não consiga estar sempre presente na sala e a praticar *tricot* e *crochet* com as participantes ou a ajudar, diz que a criação deste grupo foi algo que sempre quis e que fica feliz por ver que as participantes estão contentes e pelo facto de poderem sair de casa, uma vez que muitas destas mulheres não costumam sair, para além de que o convívio no grupo é bom para elas terem algo para fazer fora de casa, afirmando que:

“É convívio, e eu gosto porque depois também, algumas das senhoras saem de casa, há muitas delas que estão em casa todo dia e é para todas as idades, mas muitas das senhoras estão em casa todo dia, não convivem, não nada. Então, algumas fazem questão de vir aquele bocadinho.”

[Alice, 57]

Relativamente à forma de encarar a prática, a Alice foi a única entrevistada que considerou que o grupo não mudou a sua perceção sobre a mesma e que talvez tivesse mais impacto se conseguisse estar a tempo inteiro nas sessões. Explica ainda que há algumas mulheres que já participam no grupo há mais tempo, pelo que normalmente acabam por ajudar algumas pessoas novas ou alguém que tenha dúvidas, embora a própria também possa ajudar.

Reparou-se ainda que, por vezes as participantes levavam as filhas/netas, para as poderem ensinar enquanto conviviam com elas, sendo que às vezes o grupo também era frequentado por uma rapariga que não falava português, o que não a impedia de pedir ajuda às participantes que tentavam sempre ajudar mesmo ser perceber o que esta dizia.

No que diz respeito à prática do GB, existem motivações diferentes para a integração neste grupo, a Bruna pretendeu juntar-se após encontrá-lo na *internet*, visto que partilhava do mesmo *hobby* que os restantes membros. A Bitá afirma que o principal motivo que a levou a integrar o grupo foi o facto de ter imigrado há pouco tempo e na altura querer conhecer pessoas novas, assim acabou por encontrar o mesmo também na *internet*, ficando bastante surpreendida, pois não esperava encontrar membros com idades próximas à sua no grupo, por isso partilha um pouco da mesma motivação que a Bianca, que fundou o grupo exatamente por este motivo. Já a Birgit juntou-se ao grupo pois já conhecia a Bianca previamente, que lhe falou do mesmo e pediu para participar pois não sabia se o grupo iria ter adesão por parte de outras pessoas.

Neste grupo também existe partilha de opinião relativamente aos projetos embora não exista tanto a aprendizagem da prática de raiz, uma vez que é suposto as participantes conseguirem fazer as suas peças, contudo se tiverem alguma dúvida sobre como fazer algo também têm apoio para conseguirem avançar com os seus projetos da melhor forma.

Nota de Campo GB (24/06/2024): “O Ben questiona a Bianca se as alças precisam de mais voltas ou não e mais tarde sobre a largura, pelo que se percebe que confia nela para o ajudar a perceber se está a fazer tudo bem.”

As entrevistadas consideram que a participação no grupo influenciou as suas práticas individuais, podendo esta influência ter-se verificado de várias formas. No caso da Birgit esta proporciona-lhe motivação e compromisso para acabar as seus projetos mais rápido para os poder mostrar, bem como fazer peças novas em que nunca tinha pensado, afirmando que o *crochet* e o *tricot* têm um papel maior na sua vida agora que participa no grupo.

“I feel like it's maybe a bigger part of my life than if I didn't go. (...) I feel like I want to finish things to show everyone, and I get very inspired by the people there also about the things that they're making that I never thought was a thing.”

[Birgit, 27]

A Bitá e a Bruna também se sentiram influenciadas na vontade de experimentar fazer peças que nunca tinham pensado, sentindo-se motivadas e incentivadas a executar peças de roupa após integrarem o grupo e verem outras participantes a fazê-lo, afirmando a Bitá que:

“Before that, I would just do something for the house but now I see everybody's making something to wear. So first it makes me challenge, because I challenge myself to make some sweaters, cardigans for myself.”

[Bitá, 34]

A Bitá afirma ainda que o grupo lhe abriu completamente os horizontes, no sentido em que nunca tinha sequer pensado em todas as hipóteses relacionadas com esta prática antes de ter integrado o grupo, como por exemplo produzir peças com o intuito de reverter o valor obtido pelas vendas para caridade.

“Also before that, I never thought we can, like do, make and sell or even participate in charity sellings and give the money to the charity so, for me, crochet was just something you do on your own, at home, on your sofa for yourself or your friend or your sister, but it opened up a new world of like, okay, we can have a group, we can meet up somewhere, we can have a community, we can do stuff with the crochet things.”

[Bitá, 34]

A Bianca também aborda este tema dos projetos em conjunto, pois no ano passado realizaram um projeto em grupo em que o valor obtido reverteu para caridade e sente que este ajudou a uni-las ainda mais. Outro exemplo de projetos em conjunto em que se ajudaram mutuamente, foi o caso de uma manta em que algumas se juntaram para fazer e oferecer a uma colega que tinha sido mãe há pouco tempo, debatendo sobre a técnica, ajudando-se e partilhando opiniões.

“I think that it was a really nice way to bond even more with the (girls), I say girls because we're mostly girls, with the girls of the group. So, my perspective changed, especially when you do group projects because it's a really nice way to support each other, give something, add something valuable to the group or to the final result that you want to achieve.”

[Bianca, 28]

As entrevistadas consideram que o grupo as motiva e inspira seja a acabar os seus projetos, a fazer peças novas que nunca tinham feito ou até mesmo a aprender técnicas novas, como é o caso da Bianca, que se sente inspirada a aprender a fazer mais coisas em *tricot*, uma vez que só pratica *crochet*, sentindo uma motivação para progredir. Explica ainda que, para além de mudar a forma como vê o *crochet*, a prática em grupo também lhe permitiu observar como gostar de uma técnica pode unir pessoas, para além de ser inspirador e desafiante, pois observar outros a fazer algo não só a motiva, como também a desafia a fazer coisas novas.

“Besides changing my way of seeing crochet, I also changed my way of seeing how much this technique and being passionate about the same things can connect people and I think it's really nice.”

[Bianca, 28]

Observou-se que é um grupo em que as participantes já tinham uma grande afinidade entre elas, uma vez que algumas delas já se conhecem há algum tempo, demonstrando uma vontade genuína de partilharem o seu tempo umas com as outras. Este espírito de comunidade era salientado também pelo interesse que as mesmas tinham pela própria vida das colegas. Para além disto, existe ainda uma vontade do grupo de se encontrar mesmo fora das sessões, o que evidencia a força que as relações criadas no grupo vão para além da prática, demonstrando também uma conexão afetiva.

Nota de Campo GB (24/06/2024): “Nota-se interesse em saber o que se passa na vida umas das outras e de se apoiarem mutuamente.”; “O grupo gosta mesmo de passar tempo junto e agora que é verão querem aproveitar para fazer mais atividades nos fins de semana.”

Um exemplo de como o grupo é algo mais que a prática de *tricot* e *crochet*, foi um momento ocorrido numa das sessões em que uma das participantes se esqueceu de levar o seu projeto, mas ainda assim pretendia ficar na sessão pelo convívio com as restantes participantes. Contudo, a Bianca acabou por partilhar um dos seus projetos com a Bitá para que esta tivesse algo para fazer durante aquele tempo, demonstrando também a solidariedade e ajuda entre participantes.

Nota de Campo GB (19/06/2024): “A Bianca tinha vários projetos começados e deu à Bitá o início de um elástico para uma camisola que estava a começar para que a Bitá tivesse algo para fazer, pois a Bitá esqueceu-se do seu. A Bitá tem um ponto mais apertado que a Bianca, mas isso não foi problema.”

Para além disto, demonstram ainda interesse pelos projetos que as colegas realizam ou realizaram mostrando-se curiosas pela prática das restantes participantes, sentindo-se também entusiasmadas em mostrar os seus projetos finalizados ao grupo, pois este acabou também por representar parte do processo de criação dos mesmos.

Nota de Campo GB (22/07/2024): “Todas se mostram interessadas no que as outras fazem e lembram-se de projetos que estas estavam a fazer, mostrando interesse no trabalho das colegas.”

Durante as sessões havia partilhas sobre a vida das próprias participantes, como planos que tinham, histórias de vida e entre outras, sendo que para além disso também havia partilha de opiniões sobre fios. Numa das sessões uma das participantes comentou que os projetos realizados à mão não são perfeitos e que tinham falhas, sendo isto abordado como uma forma de mostrar o valor das peças por serem realizadas à mão, pois embora não sejam perfeitas esta imperfeição faz parte da mesma e atribui também valor.

Nota de Campo GB (27/05/2024): “É *handmade* não é perfeito, tem falhas.”

Os cumprimentos entre as participantes eram sempre muito calorosos, com beijos e abraços sendo que mesmo a falar se nota uma certa animação e entusiasmo por ver as colegas. Após o

fim da sessão algumas participantes acabam por ir embora juntas, continuando a sua convivência durante mais algum tempo.

3.5. A Saúde Mental

Embora o tema da saúde mental não esteja presente nas questões realizadas, nem tenha sido um foco aquando do planeamento deste projeto, ao longo das entrevistas foi notório que este tema estava correlacionado com a prática de *tricot/crochet* por parte de algumas entrevistadas, podendo este tópico ter sido abordado direta ou indiretamente.

No GA este tema é abordado como uma forma de combater a solidão, pois as entrevistadas falam sobre como o grupo é importante para elas, no sentido em que têm um compromisso para sair das suas residências e conviver com pessoas enquanto praticam algo que gostam, pois caso contrário passariam muito tempo fechadas. Outras mulheres que não foram entrevistadas, como refere a Alice, também passam muito tempo em casa, havendo participantes que acabam por se encontrar mesmo fora das sessões para conviverem.

“Eu acho que faz bem às depressões, não gosto de ver as pessoas tristes (...) às vezes elas próprias juntam-se no café, a fazer o *tricot* ou o que for (...). Daqui acabam por fazer algumas amizades e depois também acabam por, por exemplo, ir para o café na praia ou assim, duas ou três. Não é um grupo tão grande, mas acabam por ter outras ligações, não estão sempre tão sozinhas.”

[Alice, 57]

Afirmam ainda que esta prática as ajuda a manterem-se distraídas, sendo que a Antónia refere que ainda dá mais valor à prática em grupo e aos convívios após a pandemia de COVID-19, pois faz-lhe muito bem psicologicamente. Para além disto, é uma forma de não pensar em coisas mais desagradáveis, como refere a Anita, aproveitando para partilhar que ensinou a sua sobrinha para reduzir o tempo passado no telemóvel.

“Distrai muito, eu que vim de um desgosto muito grande como disse, à noite sabe-me muito bem estar a fazer *tricot*. Estou distraída e em vez de estar a pensar em outras coisas estou focada no trabalho, faz com que não andemos aqui a vaguear e pensar em coisas que não devemos. O convívio é sempre bom, mesmo se não for com estas pessoas, vou para a casa de outras e sou capaz de fazer um bocadinho.”

[Anita, 59]

Relativamente ao GB, a Birgit considera que esta prática, para além de ser uma forma lazer, também representa quase uma meditação pois requer que a pessoa esteja completamente focada no que está a fazer e não a pensar noutras coisas. A Bitá também é desta opinião, por esta prática a fazer sentir bem enquanto está entretida com um projeto, bem como pela gratificação pessoal de criar algo com as próprias mãos, como é referido pelas quatro entrevistadas. Os benefícios destas práticas para que as pessoas se possam sentir bem com elas próprias, deve-se a serem atividades com um elevado potencial terapêutico como afirma a Bruna:

“Eu acho que estas artes, seja o *tricot* ou o *crochet*, qualquer arte manual que nós façamos, até mesmo fora do campo aqui, se calhar dos fios, as cerâmicas, etc., tem um potencial terapêutico muito grande, de alívio do *stress* e dá-nos sempre aquela satisfação, aquela gratificação pessoal de dizermos, fui eu que fiz. Às vezes não está perfeito (...). Há uma certa perfeição, na imperfeição (...) e este efeito que as artes manuais podem ter, desde o alívio do *stress*, à tal satisfação do fui eu que fiz”.

[Bruna, 28]

Embora este tipo de práticas possa ser desafiante no início, com a experiência torna-se cada vez mais uma prática que ajuda a própria a sentir-se bem consigo mesma, pois é bastante satisfatório e recompensador ver o resultado de algo em que foi colocado esforço e tempo, para além de ajudar a manter-se ativa como refere a Bianca:

“At the beginning, when you learn a craft, it can be a little bit frustrating because it's always like when you learn to do something new, it's hard, but then, if you like it, it can be really satisfying and I realized in these years that it involves many things, like not just creativity, but also feel useful or just the fact that you have a goal or a project and it always keep you active and I think it's especially nowadays where maybe younger generation, they can get so easily lost in, I don't know, technology or maybe they isolate themselves more rather than we millennials. (...) Even if you crochet alone, it's nice because you have a goal and you put effort and it's nice and then at the end, you will be satisfied with what you got, even if at the beginning, the crochet projects are not the best, they look weird, but then with practice, you can achieve anything that you want.”

[Bianca, 28]

CAPÍTULO 4

Discussão de Resultados

4.1. A Organização

Relativamente à organização, as principais diferenças que distinguem os grupos é que o GA é um grupo criado há mais de uma década, reúne na loja da própria organizadora, com a realização de três sessões semanais, tendo sido observada a presença de 14 a 24 participantes nas sessões frequentadas, enquanto o GB apenas foi criado há um ano e meio, o local embora tenha sido maioritariamente o mesmo, poderia ter lugar em diferentes salas ou até mesmo no exterior, apenas ocorre uma sessão semanal e foi observada a presença de 4 a 7 participantes.

Segundo Turner (2012), as dimensões dos grupos podem influenciar a interação entre os membros, uma vez que grupos menores tendem a ter uma maior taxa de interação enquanto grupos maiores tendem a ter taxas de interação menores entre todos os membros, pelo que grupos mais pequenos poderão criar uma maior coesão entre os seus membros. Embora o GA tenha uma maior dimensão, não se verificou uma menor coesão neste nem se verificaram menos interações, uma vez que as participantes estavam constantemente a interagir umas com as outras, tal como ocorreu no GB que apresenta menores dimensões. Todavia, o GA é um grupo grande, tendo sido abordado numa entrevista que algumas participantes fazem planos para se encontrarem em grupos mais pequenos, que poderão apresentar as características definidas por Turner de um subgrupo de menores dimensões.

O desenvolvimento dos diferentes grupos poderá seguir o modelo de Tuckman, que o divide em cinco fases: *forming*, *storming*, *norming*, *performing* e *adjourning*. Embora os grupos apresentem datas de criação muito distintas, o que os poderia influenciar, uma vez que grupos mais antigos poderão já ter ultrapassado as diferentes fases que fazem parte do seu desenvolvimento, enquanto grupos mais recentes poderão ainda estar a ultrapassar fases iniciais. Contudo, após as observações, verifica-se que ambos os grupos se deverão encontrar na fase de *performing*, uma vez que estes já conhecem bem os seus propósitos e procedimentos (*forming*), não existem incertezas sobre as lideranças nem se sabe se alguma vez o houve (*storming*) e a estrutura do grupo encontra-se bem definida, tal como as normas do mesmo (*norming*). Assim a fase de *performing* é caracterizada por um grupo que colabora, tenciona progredir indo de encontro aos objetivos do mesmo e pretende receber críticas construtivas, de modo a melhorar o seu desempenho. Nenhum dos grupos poderia ter atingido a fase *adjourning* pois esta representa a dissolução dos mesmos. (Forsyth, 2019)

Embora não se tenha observado os grupos em fases anteriores à de *performing*, é de notar que existem fatores em ambos que mostram que estes se encontram nesta fase atualmente, como por exemplo no GA: a colaboração e entreajuda entre as participantes (sendo várias vezes as mesmas colegas a auxiliar), a resolução de problemas em conjunto e o facto de trabalharem mais rapidamente devido ao grupo. No GB verificam-se características relativas a esta fase através da realização de projetos em conjunto tanto para caridade como para oferecer a colegas, mostrando que existe um compromisso por parte das participantes para com o grupo (tal como no GA), para além disto a motivação que o grupo lhes transmite para acabarem as suas peças mais rapidamente, para as mostrarem ao restante grupo poderá também ser um bom indicativo da fase em que se inserem, devido à maior eficiência que o grupo lhes proporciona, verificando-se também esta eficiência no GA.

4.2. Caracterização do Grupo

No que diz respeito à caracterização do grupo, foram abordados tópicos como: a faixa etária, nacionalidade e características socioeconómicas. Estas práticas artesanais normalmente estão associadas a um trabalho feminino realizado por mulheres de maior idade, contudo nas últimas décadas o aparecimento de cada vez mais mulheres jovens que também realizam estas práticas tem vindo a aumentar, e verifica-se isto nos grupos pois o GA é composto maioritariamente por mulheres com faixas etárias mais elevadas, tendo sido criado já há mais de 10 anos e o GB, criado mais recentemente, apresenta maioritariamente raparigas mais jovens, sendo que se observou a presença de alguns rapazes em algumas sessões, contudo a sua presença não é significativa para o estudo devido à sua reduzida participação e número (Stannard & Sanders, 2014).

Relativamente às nacionalidades verificam-se dois grupos bastante distintos, o GA é composto por senhoras de nacionalidade portuguesa, enquanto o GB é maioritariamente composto por pessoas de diversas nacionalidades que imigraram para Portugal, embora também existam participantes de nacionalidade portuguesa.

De modo a realizar uma análise socioeconómica das entrevistadas recorreu-se à Classificação Internacional Tipo da Educação (CITE/2011) para se classificar os seus níveis académicos, tendo-se verificado que o GB é um grupo com um maior nível de escolarização, uma vez que as suas habilitações variam entre o nível 7 e o nível 6, enquanto o GA apresenta

habilitações que variam entre o nível 6, o nível 5² e o nível 2, como se pode verificar na Tabela 1.

Em relação às suas ocupações, as entrevistadas do GB também apresentam profissões com maior qualificação que as do GA, pois exercem profissões que normalmente requerem níveis de escolaridade superiores, o que vai de encontro à análise dos seus níveis de escolaridade. O GA tem como ocupação, na sua maioria, profissões que não requerem níveis académicos muito elevados, enquanto o GB exerce profissões que exigem um maior nível académico.

É necessário ter em consideração que esta análise, tanto a nível académico como profissional, poderá não corresponder à real caracterização socioeconómica dos grupos uma vez que apenas se entrevistou um número reduzido de participantes.

Tabela 1. Caracterização pessoal das entrevistadas.

	Nome	Idade	Nacionalidade	Escolaridade (CITE/2011)	Ocupação
Grupo A	Alice	57	Portuguesa	Nível 5	Dona de loja
	Antónia	60	Portuguesa	Nível 6	Reformada
	Anita	59	Portuguesa	Nível 6	Artista
	Andreia	60	Portuguesa	Nível 2	Cuidadora
Grupo B	Bianca	28	Italiana	Nível 7	Especialista em otimização de <i>marketing</i>
	Birgit	27	Norueguesa	Nível 6	Gestora de serviço ao cliente e garantia de qualidade
	Bitá	34	Iraniana	Nível 7	Professora de Inglês
	Bruna	28	Portuguesa	Nível 7	Explicadora

Embora todas as participantes considerem que a prática de artesanato de fibras é uma forma de lazer, 3 entrevistadas (duas do GA e uma do GB) também obtém algum rendimento proveniente desta prática, sendo que apenas a organizadora do GA consegue ter esta como primeira fonte de rendimento. Esta prática de lazer sério possibilita que as participantes criem uma “carreira de lazer”, podendo tornar-se profissionais nesta área, recebendo remuneração pela sua prática, contudo algumas entrevistadas referem que esta não é uma boa fonte de rendimento, pois é muito difícil que seja uma fonte de rendimento primária e mesmo quem a tem como uma fonte de rendimento afirma que é maioritariamente por gostar da prática. A organizadora do GA, embora tenha a loja como principal fonte de rendimento, obtém o seu

² Considerou-se que a Alice tem o nível 5 da CITE/2011, pois para além do ensino superior disse que tirou um curso de pós-graduação, sendo que este nível se refere a programas de “ensino superior de curta duração”, realizados com o intuito de proporcionar conhecimentos e competências profissionais a quem participa nestes, oferecendo um nível inferior ao de uma licenciatura.

lucro através da venda de produtos para que outras pessoas pratiquem e não da venda dos seus próprios projetos. (Stebbins, 2015)

4.3. A Prática Individual

Relativamente à prática individual, percebeu-se algumas características sobre a prática de cada entrevistada, como a idade em que começaram a prática, como e porque começaram, a frequência e as motivações.

Anteriormente, a prática de artesanato de fibras era algo realizado por fazer parte da comunidade, independentemente de ser uma prática para a qual se tinha ou não aptidão, pois o seu principal propósito era o uso doméstico, geralmente realizado por mulheres que teriam sido ensinadas ainda crianças e que mais tarde passavam estes conhecimentos às suas filhas, mantendo-se esta prática presente ao longo das suas vidas, embora existam exceções (Becker, 2008). Ao longo das entrevistas, verificou-se que nem todas as entrevistadas aprenderam a prática logo em crianças, sendo que mesmo as que aprenderam em crianças foi um pouco mais tarde no grupo GB que no GA, que é composto por mulheres mais velhas, sendo que apenas duas entrevistadas de cada grupo aprenderam com familiares, notando-se que a passagem destas práticas de geração em geração poderá já não estar tão presente como no passado. Contudo, também se verifica que, na maioria dos casos, a aprendizagem destas práticas não foi forçada, pois apenas uma das participantes do GA afirma que foi obrigada e outra do GB que aprendeu pela primeira vez na escola tendo voltado a reaprender por vontade própria. A maioria das entrevistadas foram então ensinadas por mostrarem interesse e curiosidade ou porque quiseram aprender quando já eram mais velhas. Verifica-se que a prática das entrevistadas passou por fases em que deixavam e voltavam a praticar, não sendo algo tão constante como ocorria noutras épocas.

Embora as entrevistadas não tenham todas sido ensinadas por familiares do género feminino, como era frequente anteriormente, verificou-se durante as observações que havia participantes que levavam as netas ou filhas para o grupo para que também estas pudessem aprender a prática desde cedo, algo que é frequente neste tipo de práticas, que geralmente são passadas de geração em geração pelas mulheres da família, sendo que, como foi referido anteriormente, a prática de atividades de lazer em família poderá ajudar a fortalecer os laços familiares durante a aprendizagem e a própria prática (Jones, 2023; Stebbins, 2015).

A vontade de criar com as próprias mãos sempre fez parte da natureza humana embora isto tenha variado ao longo do tempo, atualmente existe um movimento DIY (*Do It Yourself*) pelo

que as pessoas começaram a tentar recriar produtos inspirados nas peças de outras lojas ou simplesmente o ato de fazer algo pelas próprias mãos em vez de comprar, sentindo-se bem e mais conectadas com o momento o que também se deveu à evolução da *internet*, que permitiu a inspiração por outros indivíduos com interesses semelhantes, que partilham as suas ideias, a um ritmo muito mais rápido (Gauntlett, 2011).

Embora algumas participantes falem da sua vontade de realizar peças que vêm em lojas ou revistas, ou até mesmo de se inspirarem nos outros participantes ou familiares, a grande maioria refere também como motivação o *Pinterest*, website através do qual os utilizadores podem encontrar inspiração para aquilo que procuram ou pretendem fazer (Pinterest, n.d.). Assim este movimento DIY potenciado pela utilização da *internet* é visível em ambos os grupos, mesmo no GA que é composto maioritariamente por pessoas que só tiveram acesso à *internet* numa fase mais avançada das suas vidas.

4.4. A Prática de Grupo

Relativamente à prática em grupo, serão abordados quatro tópicos: influência, entreajuda, integração social através do artesanato e coesão. Começando pela entreajuda, este revelou-se um fator muito importante, principalmente para o GA, visto que em todas as sessões existiram vários momentos em que se observou a entreajuda entre participantes, para além de que foi um fator bastante referido ao longo destas entrevistas, enquanto o GB não abordou tanto este aspeto, embora também tivesse sido observada entreajuda durante algumas sessões. A mesma situação também foi observada num estudo de Stannard and Sanders (2014), onde se verificou que as participantes do grupo estavam sempre prontas a ajudar as outras, para além de dar opinião sobre a evolução dos projetos das colegas, sendo que os momentos de entreajuda e de participação no grupo podem ajudar a fortalecer a coesão do mesmo.

Com a pertença a um grupo surgem as interações e momentos de socialização com os membros do mesmo, mas quando se interage com um grupo vai-se alterando gradualmente as crenças, emoções, motivações, valores, comportamento e a autoconceção, que sofre alterações por “nos vermos refletidos nos gestos de outras pessoas que são importantes para nós” (Turner, 1994: 99). Desta forma, consegue-se perceber que as pertenças a grupos condicionam os diferentes indivíduos refletindo as normas que determinado grupo pratica, mudando o comportamento e os sentimentos em conformidade com as experiências vividas com o grupo, o que também será esperado da parte dos membros, sendo de notar que, quanto mais tempo se despende com um grupo mais este influencia todos estes fatores (Turner, 1994). O que pode

verificar-se em ambos os grupos, pois as entrevistadas sentem-se não só motivadas, como também influenciadas pelo grupo, uma vez que as leva a querer experimentar técnicas novas, que veem outras participantes a fazer, acabando por moldar as suas práticas individuais, tentando fazer projetos mais complicados e sentindo mais confiança no seu trabalho também devido ao incentivo e apoio que o restante grupo lhes dá.

Gauntlett (2011), afirma que “making is connecting” explicando não só que de um ponto de vista mais literal, fazer é conectar por se ter de juntar os materiais, contudo num outro ponto de vista, fazer é conectar pois estas práticas também envolvem uma conexão com outras pessoas, acabando por aumentar as interações e conexões de quem pratica com o meio que os rodeia, tanto social como físico. Os grupos acabam por fortalecer o seu capital social, o que beneficia grupos, como os estudados, pelo que os seus membros podem contar com benefícios, como ajudar numa mais fácil resolução de problemas, devido à cooperação entre os membros, a confiança mútua depositada no grupo que beneficia um avanço coletivo e a consciencialização de que existe uma interdependência entre o grupo, que promove tolerância e empatia. Assim o capital social influencia o comportamento dos intervenientes pelo que:

“A investigação sobre o capital social, tal como a investigação sobre a felicidade, forneceu provas claras de que ter ligações sociais e comunicação amigáveis, e trabalhar em conjunto com pessoas em projetos comuns, não é apenas uma “cereja no topo do bolo” agradável, mas opcional, das vidas individuais, mas é absolutamente essencial tanto para o bem-estar pessoal como para uma sociedade saudável, segura e fiável.” (Gauntlett, 2011: 161)

Ao longo das suas interações, ambos os grupos criaram laços mais fortes desenvolvendo uma conexão entre si, verificando-se na entajada que poderá causar a realização de trabalhos mais rapidamente, sendo que a participação nos grupos se mostra benéfica para as participantes por terem conexões sociais num grupo em que se sentem confortáveis tanto a comunicar como a trabalhar.

Para que um grupo se possa considerar coeso deverá apresentar diferentes tipos de coesão, sendo estas a coesão social – atração entre o grupo e os membros do mesmo – coesão de tarefa – compromisso que os membros do grupo partilham para cumprir um objetivo – coesão coletiva – sentimento de união e de identidade de grupo – coesão emocional – intensidade emocional que tanto o grupo quanto os seus membros depositam no mesmo – e coesão estrutural – organização do grupo estruturalmente. Para além dos diferentes tipos de coesão, à medida que as interações intragrupais se intensificam pode aumentar também a coesão do grupo

desenvolvendo amizade entre os participantes devido a estes terem interesses semelhantes. (Forsyth, 2019)

Verifica-se que ambos os grupos são coesos, pois apresentam as características referentes a cada um destes tipos de coesão, uma vez que relativamente ao GA as participantes afirmam que gostam de conviver com as colegas e no GB quando afirmam que o grupo lhes permitiu conhecer pessoas novas que tem gostos semelhantes, o que é ainda mais importante quando se trata de imigrantes que não conhecem ninguém no novo país (coesão social). Relativamente à coesão de tarefa esta verifica-se pelos momentos de entreajuda, principalmente no GA, e pelos projetos conjuntos realizados no GB, ou até mesmo pelo trabalho conjunto para tentar arranjar uma solução para um problema em ambos os grupos. No que toca à coesão coletiva, em ambos os grupos verificou-se o orgulho das participantes pelos seus projetos concluídos, bem como os elogios dos restantes membros, mostrando ainda preocupação e interesse não só pela prática das colegas como também pelos acontecimentos pessoais das mesmas. Verifica-se a coesão emocional, por exemplo, através das palavras de apoio várias vezes utilizadas para ajudar participantes do GA que duvidavam das suas capacidades, bem como através das brincadeiras entre as mesmas e no GB pela vontade de concluir peças para mostrar ao resto do grupo. Por fim, na coesão estrutural verifica-se na organização dos grupos, no GA normalmente quando existiam dúvidas as participantes que pareciam ter mais experiência acabavam por ajudar mais vezes, enquanto no GB se esperava que os participantes fossem capazes de fazer os seus projetos embora também fosse possível ajudar quem tinha dúvidas.

4.5. A Saúde Mental

O papel da saúde mental neste trabalho remete para o conceito de serendipidade, que se refere à descoberta de algo que poderá ser valioso e/ou interessante acidentalmente, através de uma perspicácia acidental pelo que, embora não se contasse integrar a saúde mental neste trabalho, foi notória a sua importância ao longo da sua elaboração, principalmente através das entrevistas. Será importante abordar um pouco deste tópico neste capítulo, de modo a compreender melhor os efeitos positivos que esta prática causa nas vidas de quem a pratica, mais em concreto nas entrevistadas. (Merton & Barber, 2004)

A prática deste tipo de manualidades tem sido cada vez mais correlacionada a uma prática benéfica para a saúde e bem-estar, também devido à sua natureza rítmica e sensorial que proporciona um relaxamento a quem a pratica, ajudando a aliviar o sentimento de *stress* devido às suas qualidades terapêuticas e de meditação, sendo que a prática transmite um sentimento de

calma e felicidade, ajudando a criar mentes mais “fortes, resilientes e flexíveis”, podendo ainda ser benéfica em praticantes que tenham outros tipos de problemas de saúde, como é o caso da artrite e fibromialgia, contudo apenas serão abordados os benefícios a nível psicológico neste trabalho (Corkhill et al., 2014). Alguns destes benefícios a nível da saúde mental foram abordados pelas próprias entrevistadas, que confirmam que estas práticas causam um efeito calmante, podendo até mesmo ser comparadas pelas mesmas a uma forma de meditação devido a este grande potencial terapêutico.

O estudo “Knitting and Well-being” mostra que para além dos benefícios pessoais também apresenta outros benefícios em termos sociais quando praticado em grupo, como é o caso da confiança social e do sentimento de pertença que acabam por desenvolver relativamente ao grupo, que oferece apoio tanto prático, quando necessitam de esclarecer dúvidas, como através do suporte emocional, uma vez que os participantes na sua maioria acabam por criar laços de amizade (Corkhill et al., 2014). Este aspeto foi notório em ambos os grupos, onde os participantes acabaram por criar relações de amizade com os restantes membros, sendo que ambos oferecem apoio emocional, que passa por dar algumas palavras de força e motivação para que as participantes continuem a acreditar nas suas práticas, e até elogios relativos a determinadas peças.

Para algumas das entrevistadas, foi possível perceber que o *tricot/crochet* é um grande aliado a ajudar a manter a calma e consciência do próprio momento, sendo que faz com que não seja possível pensar em coisas mais desagradáveis, funcionando como um escape dos problemas das suas vidas e *stress* diário causado por diversos motivos, como ocorre no caso da Anita, que viu esta prática e o grupo como uma forma de aliviar os seus sentimentos relativos à perda do marido bem como o isolamento por que estava a passar. O isolamento acaba por ser bastante referido nas entrevistas do GA, uma vez que este, juntamente com a solidão, causam cada vez mais problemas no que toca à saúde mental, pelo que numa das entrevistas afirma-se que estas práticas e estes convívios fazem bem às depressões, o que é evidenciado através da existência de grupos de *tricot* terapêutico, por exemplo, que possuem características curativas e estimulantes para as participantes (Corkhill et al., 2014).

Neste grupo, foi notório que a prática em grupo estava muito ligada à tentativa de combater a solidão, bem como o tempo passado em casa, sendo esta mais importante após a pandemia de COVID-19, de modo a conseguirem socializar mais, sendo constatado não só nas entrevistadas como também em outras participantes, referidas na entrevista da Alice, em que explica mesmo que algumas destas passam imenso tempo sozinhas em casa e que este grupo lhes dá um compromisso para que possam estar mais entretidas, ainda que só haja encontros de grupo 3

vezes por semana, as amigadas criadas levam a que algumas das participantes façam planos mesmo fora do grupo.

Outro fator referido como importante é a gratificação pessoal, abordada por participantes do grupo GB principalmente, embora também tenha sido observado nas sessões do outro grupo. Quando executam uma peça sentem-se orgulhosas do seu trabalho e das suas próprias capacidades, pelo que quando falam destas fazem-no com orgulho e dizem orgulhosamente quando lhes perguntam, que foram elas a fazer sentindo-se satisfeitas e autorrealizadas. Estes sentimentos são ainda mais importantes quando se encontram numa fase de aprendizagem, em que inicialmente podem sentir alguma frustração aquando da realização dos seus primeiros projetos ou projetos novos, contudo após serem ultrapassadas estas dificuldades iniciais e o produto estar finalizado sentem satisfação consigo próprias. O mesmo é referido no “Knitting and Well-being”, uma vez que aborda que este sentimento de gratificação por realizar uma atividade, através da qual têm sucesso, poderá ainda motivar os seus praticantes a terem iniciativa de experimentar novas atividades devido aos sentimentos positivos que esta prática lhes oferece, como é o caso do orgulho e felicidade (Corkhill et al., 2014).

4.6. As Diferentes Gerações da Prática

Noutras épocas, a prática de atividades de fibras era realizada por pessoas do género feminino que tinham de as aprender em criança e continuavam a praticar no decorrer das suas vidas, enquanto os rapazes podiam fazer aquilo que quisessem. Embora tivessem capacidades para realizar projetos inovadores, focavam-se em realizar maioritariamente as mesmas peças úteis para a família, sendo que nem pensariam nas suas práticas como uma expressão de criatividade ou de arte, apenas as viam como funcionais uma vez que também era uma forma de poupar dinheiro ou então uma fonte de rendimento. (Stoller, 2003)

Atualmente, tendo em conta as observações realizadas, notou-se que embora uma das entrevistadas do GA tenha sido obrigada as restantes aprenderam porque tiveram interesse em tal, independentemente da idade a que começaram, sendo que gostam de aprender novas técnicas e de fazer projetos novos, afirmando uma das entrevistadas do GB que não faz duas vezes o mesmo projeto por ser sempre possível fazer algo diferente. Para estas a prática de *tricot* ou *crochet* não é apenas uma forma de criar algo útil para as suas famílias, para si ou para as suas casas, a prática para as entrevistadas é vista como lazer e uma forma de fazerem aquilo que gostam, para além de ser uma forma de relaxarem e esquecerem os seus problemas do dia a dia.

Ao contrário do que a literatura afirma que ocorria anteriormente, nos casos estudados todas as entrevistadas referem que estas práticas são consideradas uma forma de artesanato, tendo até sido referido que, infelizmente, as áreas artísticas tendem a não ser suficientemente valorizadas. Para além disto, verificou-se também a presença de pessoas do género masculino, embora não significativa, no GB e no GA a organizadora afirmou na sua entrevista que também já tinham tido participantes masculinos, o que poderá também demonstrar uma evolução desta prática descentralizando a mesma do género feminino.

Embora o artesanato esteja extremamente relacionado com a tradição, começou a ser reinventando, também através da influência da *internet* que permite a partilha de inspirações por parte de praticantes de todo o mundo a uma velocidade que antes não era possível, passando até mesmo a existir plataformas onde as pessoas podem vender as suas próprias peças ou inspirar-se tornando-se assim, a *internet*, um fator bastante importante para a modernização do artesanato. O que motiva esta nova prática de artesanato podem ser vários fatores, como uma tentativa de combater a dependência tecnológica, como abordou uma das entrevistadas do GA que utiliza a prática de modo a que as suas sobrinhas não passassem tanto tempo nos telemóveis, e a rapidez com que se vive e compram produtos, sendo também uma forma mais sustentável contrária ao consumismo atual, tal como afirma a Birgit quando refere que nem sempre se pode confiar no processo de manufatura das lojas, para além disto o processo de realizar algo do início ao fim com as próprias mãos é bastante apelativo, principalmente para quem não consegue ter essa satisfação no seu dia a dia. (Gauntlett, 2011)

CAPÍTULO 5

Conclusões

Ao longo da elaboração deste trabalho e de toda a pesquisa realizada, foi rapidamente perceptível que a prática de artesanato de fibras em comunidade tem um grande impacto nas participantes, principalmente nas entrevistadas que compartilharam as suas experiências e opiniões pessoais, demonstrando o quão importante é a convivência com pessoas que partilham os mesmos gostos e interesses, sendo também notório que a participação nestes grupos potencia um maior gosto por estas práticas, mostrando que é possível aprender e realizar novas tarefas que preenchem o dia a dia como forma de lazer, na maioria dos casos.

Embora se tenha verificado algumas diferenças relativas à caracterização dos grupos, em termos de idades, nacionalidades e características socioeconómicas, verifica-se que ambos apresentam dinâmicas bastante idênticas, constatando-se que um grupo mais recente também poderá atingir um nível de coesão idêntico ao existente num grupo criado há vários anos e que apresenta uma enorme adesão por parte das suas participantes. Contudo, verificou-se que embora ambos os grupos tenham o propósito de conviver enquanto praticam uma atividade que é do seu gosto, um destes apresenta uma vontade de integrar o mesmo de modo a conhecer novas pessoas com interesses idênticos, enquanto para o outro grupo este é importante para combater a solidão que algumas participantes enfrentam no seu dia a dia em que poderão estar mais isoladas.

Verificou-se que a prática destes dois grupos apresenta algumas diferenças e semelhanças daquilo que culturalmente era esta prática, pois em ambos os grupos existem entrevistadas que afirmam que aprenderam com familiares, o que era bastante comum nesta prática, tentando também algumas participantes, que já têm descendentes, transmiti-la à sua família mantendo esta como uma prática tradicional que atualmente se está a transformar, também devido à influência da *internet* que poderá ajudar na aprendizagem e inspiração de qualquer praticante, independentemente da idade ou estatuto social.

Foi também possível verificar que, embora este tipo de artesanato nem sempre seja observado com o mérito que deveria ter pelas peças que produz, pois esta prática ainda continua a ser vista como algo que as mulheres fazem em casa para passar o tempo, reduzindo o mérito dos anos de prática e de habilidades que as pessoas que o praticam têm. Contudo, verificou-se que as entrevistadas não partilham esta ideia e veem mesmo esta forma de expressão artística como artesanato, sendo que uma das participantes até afirmou que antes de integrar o grupo

esta prática para si era apenas lazer, todavia acabou por adquirir mais conhecimentos pelo que passou a ver esta prática como arte.

Para além disto, observou-se a influência que os grupos podem ter nas seus integrantes e nas suas práticas individuais, uma vez que as pertenças aos grupos motivam as participantes a experimentar não só projetos novos e aprender novas técnicas, como também participar em práticas conjuntas que fomentam a ligação intragrupal. Verifica-se que as participantes apresentam uma vontade de experimentar realizar peças semelhantes ou dentro da mesma categoria das colegas, sendo o grupo uma influência e inspiração, causando também motivação nas mesmas para finalizar as suas peças com o intuito de as poderem mostrar ao grupo, sentindo também gratificação pessoal por aquilo que conquistaram. A ajuda e o encorajamento que os membros dos grupos podem dar às colegas é também um fator extremamente importante na pertença ao grupo e na criação de um grupo mais coeso.

Para trabalhos futuros, poderá ser interessante realizar o estudo com uma amostra um pouco maior, de modo a observar-se as diferenças entre grupos de diferentes contextos, bem como entrevistar um maior número de participantes, tentando obter dados que reflitam o melhor possível o grupo. Para realizar a caracterização dos grupos poderá ponderar-se a criação de questionários, que apenas contenham questões diretas necessárias para fazer uma melhor caracterização do mesmo, para além das entrevistas a alguns participantes, que serão úteis para completar estas informações devido à adição das experiências pessoais. Embora neste estudo já se tenha analisado dois grupos distintos em termos de idade, considera-se pertinente poder estudar grupos de jovens que estão de facto a aprender estas práticas artesanais de raiz, e perceber de que modo estas influenciam o ambiente de grupo destes jovens à medida que vão aprendendo, percebendo se os seus laços de amizade fortalecem e se se verifica alguma diferença nas interações entre estes.

Apesar de um dos grupos ter a presença de duas pessoas do género masculino, a mesma não foi significativa, pelo que se considera também pertinente investigar outros grupos que apresentem uma maior representatividade de pessoas deste género, de modo a verificar se existem diferenças num grupo também composto por estes. Poderá também sugerir-se a investigação de grupos que pratiquem outro tipo de artesanato de fibras, uma vez que este campo é bastante amplo e tem muito mais para além do *tricot* e do *crochet*. Uma observação mais detalhada à prática de artesanato de fibras como método terapêutico também tem interesse.

Por fim, destaca-se a importância do artesanato de fibras como prática cultural, uma vez que a investigação permitiu perceber que esta prática artesanal funciona como um apoio na formação de uma comunidade focada na entreajuda, pelo que acaba por auxiliar na criação de

laços entre os seus elementos através dos momentos vividos e experiências partilhadas, bem como o ambiente acolhedor e propício ao desenvolvimento do bem-estar dos seus membros. O *tricot* e o *crochet* são muito mais que a criação de um tecido através da utilização de agulhas e um fio, são a passagem de conhecimentos de gerações em gerações até ao dia de hoje, não é só património cultural como também património daquilo que foram as gerações passadas e daquilo que as futuras poderão vir a ser.

Referências Bibliográficas

- Agate, J. R., Zabriskie, R. B., Agate, S. T., & Poff, R. (2009). Family leisure satisfaction and satisfaction with family life. *Journal of Leisure Research*, 41(2), 205-223.
- Becker, H. S. (2008). *Art worlds* (25th anniversary ed., updated and expanded). University of California Press.
- Corkhill, B., Hemmings, J., Maddock, A., & Riley, J. (2014). Knitting and Well-being. *Textile*, 12(1), 34-57.
- Costa, A. F. (1986). A pesquisa de terreno em sociologia. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 207-234). Afrontamento.
- Dumazedier, J. (1962). *Vers une civilization du loisir?*. Éditions du Seuil.
- Forsyth, D. R. (2019). *Group dynamics* (7th ed.). Cengage Learning.
- Gauntlett, D. (2011). *Making is connecting: The social meaning of creativity, from DIY and knitting to YouTube and Web 2.0*. Polity Press.
- Instituto de Estatística da UNESCO. (2012). *Classificação Internacional Tipo da Educação: CITE 2011*. UNESCO.
- Jones, S. (2023). Making time: Knitting as temporal-material entanglement. *Journal of Material Culture*, 1-20.
- Lofland, J., Snow, D., Anderson, L., & Lofland, L. (1995). *Analysing Social Settings: A Guide to Qualitative Observation and Analysis* (4ª Edição). Belmont, California: Wadsworth Publishing Company, 33-117.
- Merton, R. K., & Barber, E. (2004). *The travels and adventures of serendipity: A study in sociological semantics and the sociology of science*. Princeton University Press.
- Pais, J. M., Magalhães, P. C., & Antunes, M. L. (Eds.). (2022). *Práticas culturais dos portugueses: Inquérito 2020*. Imprensa de Ciências Sociais.
- Pinterest. (n.d.). Como o Pinterest funciona, Consultado a 29 de setembro de 2024 em <https://business.pinterest.com/pt-pt/how-pinterest-works/>
- Quivy, R., Campenhoudt, L.V. (1992), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- Schapper, L. P. (1985). *Complete Book of Crochet Stitch Designs*. Now York, NY: Sterling Publishing Company.
- Stannard, R., & Sanders, E. A. (2015), Motivations for Participation in Knitting Among Young Women. *Clothing and Textiles Research Journal*, 33(2), 99-114.
- Stebbins, R. A. (2015). *Serious leisure: A perspective for our time* (New ed.). Transation Publishers.
- Stoller, D. (2003). *Stitch 'n Bitch: The Knitter's Handbook*. Nova York: Workman Publishing Company.
- Turner, J. H. (1994), *Groups and organizations*. Nova Iorque, McGraw-Hill, *Sociology: Concepts and Uses*, pp. 97-113.
- Turner, J. H. (2012), *The dynamics of groups*. Nova Iorque, Springer, *Theoretical Principles of Sociology*, vol. 3, pp. 171-212.
- Ukim, I. (2021). A discourse on similitude between craft and art. *The Artist Journal (TAJ)*, 5(2), 138-144.
- Wessendorf, S. (2014). *Commonplace diversity: Social relations in a super-diverse context*. Palgrave Macmillan.
- Zhang, A. (2024). Research on art participation models in the protection and inheritance of traditional crafts. In *Proceedings of the 3rd International Conference on Literature, Language, and Culture Development*.

ANEXO A

Tabelas de Auxílio à Análise dos Grupos

Tabela 2. Perfil das artesãs.

	Nome	Idade de iniciação à prática	Finalidade (lazer ou rendimento)	Prática artesanal (<i>tricot</i> ou <i>crochet</i>)	Prática antes do grupo	Periodicidade da prática	Motivação
GA	Alice	8/9	Ambos	Ambos	Sim	Quase todos os dias	Vender os fios
	Antónia	8	Ambos	Ambos	Sim	Todos os dias	Vender os produtos a uma loja
	Anita	18-20	Lazer	Ambos	Apenas <i>tricot</i>	Todos ou quase todos os dias	Fazer produtos para as sobrinhas
	Andreia	Desde muito pequena	Lazer	Ambos	Sim	Todos os dias	Fazer as suas roupas
GB	Bianca	21	Ambos	<i>Crochet</i>	Sim	Todos os dias	As suas avós e o entusiasmo pela criatividade
	Birgit	Reaprendeu aos 23	Lazer	Ambos	Sim	Todos os dias	<i>Pinterest</i> e fazer as suas roupas
	Bitá	10/11	Lazer	<i>Crochet</i>	Sim	Depende do projeto, mas continuamente	Criar algo para usar e a sua praticabilidade
	Bruna	12	Lazer	Ambos	Sim	Todos os dias, se tiver sem tempo tenta praticar pelo menos uma vez por semana	Criatividade e querer fazer peças novas

Tabela 3. Ficha dos grupos.

	Grupo A	Grupo B
Fundação	Há 12/13 anos	Há 1 ano e meio
Número de membros nas redes sociais	9 mil membros no grupo do <i>Facebook</i> . Têm outro grupo composto por pessoas que costumam participar	80 membros no grupo do <i>WhatsApp</i>
Número de membros presentes	14 a 24	4 a 7
Género	Feminino	Maioritariamente feminino
Faixa etária	Fim dos 50 e 60 anos	Na casa dos 20 e 30 anos
Frequência das sessões	3 vezes por semana	1 vez por semana
Duração das sessões	3h	2h/2h30m
Localização	1º andar de uma loja de lãs num município na Margem Sul	Interior ou exterior de um centro cultural em Lisboa
Organizadora	Nem sempre consegue estar presente e não praticou durante as sessões observadas	Participa como qualquer outro membro

ANEXO B

Guião das Entrevistas

Parte I – A Própria

1. Desde quando a prática *tricot/crochet* faz parte da sua vida?
2. Por que e como começou a realizar esta prática?
3. Qual a frequência com que pratica *tricot/crochet*?
4. O que inspira/motiva a sua prática?

Parte II – O Grupo

5. O que a levou a integrar/formar este grupo?
6. O facto de praticar *tricot/crochet* neste grupo mudou a sua forma de encarar a prática?
 - 6.1. Se sim, como?
7. Qual a influência da prática de grupo na sua prática individual?

Parte III – Ocupação

8. Qual a sua profissão?
9. Qual o seu grau de formação académica?
10. Vê o *tricot/crochet* como uma forma de artesanato?
11. Para si, o *tricot/crochet* é apenas uma prática de lazer ou é também uma fonte de rendimento?

Parte IV – Dados Pessoais

12. Qual a sua Nacionalidade?
 - 12.1. Caso não seja portuguesa, há quanto tempo vive em Portugal?
13. Qual a sua idade?

Parte V – Considerações Finais

14. Existe algum aspeto importante que não tenha sido abordado e que gostasse de referir?

ANEXO C

Respostas às Entrevistas

Tabela 4. Respostas das entrevistadas à Parte I – A Própria.

		Desde quando a prática <i>tricot/crochet</i> faz parte da sua vida?
Grupo A	Alice	“Se calhar desde os 8 ou 9 anos.”
	Antónia	“Desde os 8 anos.”
	Anita	“Comecei a fazer para aí há 30 anos (...) tinha 18/20. (...) Fui fazendo sempre, aos poucos. Há dois anos/um ano e meio, comecei a fazer aqui no grupo, regularmente.”
	Andreia	“Desde pequenina, a minha mãe ensinou-me. Não sei precisar a idade, mas muito pequenina.”
Grupo B	Bianca	“Well, the moment that I started doing it by myself, I would say almost like seven years ago, but it's always been part of my life, because both of my grandmas, they really like doing both crafts, these two activities, plus other stuff. So it's always been something that was around me and that's why then I felt inspired of doing it by my own.”
	Birgit	“Since COVID started, so 2020 (...). Well, I did learn to knit when I was a child and my grandmother also knit a lot but then I kind of forgot about it and then I had more time during COVID and so I started off again.”
	Bitá	“I remember crochet, learning from my mom. But the thing is that, so how crochet came to my life, or it's just a part of the lives of us Iranians, is that there are a certain thing that is like a glove, but you use it in the bath to wash yourself. So, it is crocheted. It's always crocheted, a glove for bath in Iran. So, the first thing I learned was this, because my mom taught me, and I think I was maybe 10/11 (...). I've never seen her crochet at that time, but they exist, like I see that like the tablecloth was crocheted, and when my aunt was getting married, she decided to crochet something for her home that she was moving into with her husband. (...) I remember it was like trying to just make a good line of chain and also, it was a part of summer, you don't go to school, your parents want to keep you entertained, busy with something, like doing handwork. So, that was that.”
	Bruna	“Não sei dizer exatamente, mas seria por volta dos meus 12 anos mais ou menos, em que estava numa férias de verão em casa e tanto a minha avó (como a minha bisavó), a minha bisavó nessa altura já não estava entre nós, mas elas sempre depois de almoço iam fazer o <i>tricot</i> ou <i>crochet</i> . A minha avó tem mais ligação ao <i>crochet</i> , então eu via-a fazer os trabalhos enormes que as nossas avós fazem (...) e aquilo estava-me a despertar uma curiosidade imensa, então a minha avó começou a ver que eu estava curiosa e começou a ensinar-me, foi desde aí.”
		Por que e como começou a realizar esta prática?
Grupo A	Alice	“Vi os crescidos a fazer antigamente o <i>crochet</i> e depois tentava imitar (...), mexia a agulha, não fazia nada, mas depois, como havia normalmente os grupos das senhoras na praia a fazer o <i>crochet</i> e, assim, alguém lá teve pena de mim e mostrou-me como é que se fazia.”
	Antónia	“Porque a minha mãe me obrigou. As meninas, na altura, tinham que saber costurar, costura eu não sei, mas <i>tricot</i> e <i>crochet</i> eu tinha que saber fazer e depois fui evoluindo, vendo livros, revistas... Houve uma altura que perdi um bocadinho (o interesse), mas normalmente sempre (o mantive). (...) Sempre tive gosto pela arte.”
	Anita	“Eu sempre gostei muito de artes. Tirei curso de artes decorativas, Pintura, tirei Azulejaria (...). Agora porque é que eu vim para aqui? Foi porque, o meu

		<p>marido faleceu e tive muito tempo fechada com o COVID e precisava de desanuviar a cabeça (...). Há muitos anos que vinha aqui de vez em quando e perguntei como é que consistia e foi uma maneira de eu socializar e sair de casa e fazer uma coisa que eu gosto. (...) Fazia muito bem vir para aqui duas vezes, três vezes por semana.”</p> <p>“Na altura, eram vizinhas, eram amigas (a ensinar) porque a minha mãe não sabe, as avós também não, era através de vizinhas e amigas.”</p>
	Andreia	“A minha mãe fazia a minha roupa, camisolas em <i>crochet</i> e <i>tricot</i> e ela começou-me a ensinar. (...) Porque eu pedi.”
Grupo B	Bianca	“(My grandmothers) they've always been, and still, super creative and really, I don't know, excited to have a project. It didn't matter which project, they really love the idea of creating something or doing especially something for someone else, that could be me, my mom or my grandpas, and this is not just related to <i>crochet</i> or <i>knit</i> , they also paint, they sew, they make their own clothes, they do embroidery, they cook. I've always been surrounded by a really creative environment.”
	Birgit	“Yeah (my grandmother taught me when I was a kid). We also learned it in school but very easy, like we knit a scarf and crocheted a square. It's just to know the techniques.”
	Bitá	<p>“I always really liked my hands to be busy. I was into crafts as a little girl and there were a few things that I did. (...) and then, after that, my mom thought it was nice for me to know this. So, I learned it but I didn't carry on doing it because I started when I was 10/11 but there is a big gap because I stopped doing it for maybe when I was in high school and then when I was older, but then I got back to it when I was around 25.</p> <p>(When) you see your mom, your grandma doing things, your aunt doing this and say, “oh, what's that? I want to try it”.”</p>
	Bruna	“Por curiosidade, embora eu faça também <i>tricot</i> e bordado livre, ou seja, não faço só <i>crochet</i> .”
		Qual a frequência com que pratica <i>tricot/crochet</i> ?
Grupo A	Alice	“Hoje em dia, quase todos os dias, mas antes era por fases. (...) Como tenho a loja, tenho que fazer mais vezes, porque às vezes tenho que fazer amostras.”
	Antónia	“Todos os dias.”
	Anita	“Quase todos os dias. No inverno gosto muito de fazer, porque sempre aquece e uma pessoa está distraída. No verão, agora que está mais calor, é que depende um bocadinho, mas quase todos os dias, faço um bocadinho.”
	Andreia	“Todos os dias.”
Grupo B	Bianca	“I would say now every day, it doesn't matter how long, but I think it's a part of my daily routine.”
	Birgit	“Everyday.”
	Bitá	“Sometimes if I am very engaged in the project, it's every day. Sometimes if I'm tired of my project, it's maybe three times a week/four times a week. Maybe it's over the weekends only. So, it depends but I do it continuously.”
	Bruna	“O mínimo dos mínimos, e se estiver com muito trabalho, uma vez por semana, mas normalmente eu tento pelo menos um bocadinho todos os dias, nem que seja ali sempre depois de jantar.”
		O que inspira/motiva a sua prática?
Grupo A	Alice	“Vender os fios, porque sou a dona da loja, mas é somente porque eu gosto das coisas. Assim, eu faço as amostras, mas faço-as para mim, que é para depois ficar com elas no fim.”
	Antónia	“Eu tenho três senhoras que têm uma loja online, então elas pedem-me coisas de bebé, mandam-me fotografias e eu faço disso o meu passatempo, quase como se fosse uma profissão, elas pagam-me e estou entretida.”

	Anita	<p>“O que me inspira mais é fazer para as minhas sobrinhas. Adoro fazer coisas para os outros (...) gosto mais de fazer para elas do que para mim, (...) gosto de oferecer também.</p> <p>(Inspiro-me) nas revistas, vejo uma coisa na televisão ou nas revistas, (...) ou no <i>Pinterest</i>.”</p>
	Andreia	<p>“Fazer as minhas próprias camisolas, os meus próprios casacos.</p> <p>(Inspiro-me) através do grupo, através de revistas, através do <i>Pinterest</i>. Depois aqui no grupo, com a ajuda de todas, conseguimos fazer as coisas.”</p>
Grupo B	Bianca	<p>“I think that my two grandmas really handed down to me this passion, this excitement of creating something. Just the idea of doing something for me or for someone else or creating or show also maybe to others what it's possible to do manually and I think it's beautiful because it's not just about a tradition that you continue, but also, it's a nice hobby, there's nothing wrong about crochet or knit. It's just beautiful, it's just a beautiful activity, I think. So, it's nice.”</p>
	Birgit	<p>“I think Pinterest is a huge inspiration. I have kind of made an algorithm there that is very inspiring, you see something, and you instantly want to make it, and also, I feel like a lot of clothes are overpriced, at least if they're good quality, they're overpriced. You can't really trust the manufacturer so, I want to make it, at least make as many clothes as possible myself.”</p>
	Bitá	<p>“First, creating something because when you make something and then you can use it, it feels so good and secondly, I think it's just so practical because you can make a cushion and use it in your home and then it's like everybody comes and you say “I made that. Oh, I made that”. When you create something and you're proud of yourself and also, it helps you meditate. It's like meditation for me.</p> <p>When you do something, your hands are working, and you're engaged. It feels good, I mean, creating something that I want, and I need and feeling proud. Sometimes when you see something on Pinterest and say, “oh, I can do this”. Or if you need something (...) it's a mixture of need and something that you see and want and then something that... “okay, I could do this. I did this”. Also seeing other people doing it, it's more motivating, not inspiration because if I see you could do it, so I can do this too.”</p>
	Bruna	<p>“Eu acho que é mesmo a criatividade, a vontade de fazer coisas novas, não tenho muita tendência para repetir projetos. (...) Gosto muito de explorar técnicas novas e ideias novas.</p> <p>Geralmente (tiro ideias) do <i>Pinterest</i>, depois também há aquelas revistas mais antigas (...), até nas lojas mais famosas, vamos chamar assim.”</p>

Tabela 5. Respostas das entrevistadas à Parte II – O Grupo.

	Nome	O que a levou a integrar/formar este grupo?
Grupo A	Alice	<p>“Quando eu tinha se calhar 16 anos, eu vivia nos Estados Unidos, e ao pé da minha casa havia uma loja de <i>tricot</i> (...) e tinha uma mesa assim grande no meio (...). A dona estava sentada à mesa, também a fazer as coisas, mas todo o dia entravam e saíam as senhoras com o tempo que tinham. (...) Como queria aprender, eu fui perguntar às senhoras se podiam ensinar, então, acabei por ir, ela ensinou-me a fazer algumas bases, mas depois eu ia ajudando as outras senhoras também. Eu gostava da ideia, sempre gostei, que as pessoas pudessem ir um bocadinho lá, estar ali um bocadinho, conviver e ir embora e quando abri a loja, há vinte e tal anos, comprei uma mesa para o meio da loja, (...) infelizmente não pude ter tempo para estar sentada à mesa com as senhoras, tinha que trabalhar para a loja vingar (...).</p> <p>Quando mudámos para esta loja, quer dizer, também comecei um bocadinho na outra, antes de mudarmos, tínhamos aulas mas nem sempre era eu a dar,</p>

		<p>porque eu não tinha tempo, tinha alguém que ir dar aulas, isso já faz 12/13 anos, mas a loja tem 23, e quando viemos para este espaço, e como tínhamos aqui o espaço em cima, fiz questão de ter as mesas novamente, para ter essa ideia. (...) Começámos com um workshop de uma das marcas, que era a DMC, (...) acho que tivemos quarenta e tal pessoas no dia e estava tudo feliz da vida, (...). Isso já foi depois, se calhar há dez anos.</p> <p>Inicialmente tínhamos uma pessoa ou outra, mas depois fizemos esse workshop e as senhoras diziam “quando é que há outra vez?” então pensámos “olha, e se começássemos a terem uma vez por semana?”. Na altura era terças à tarde, e aderiram, nós tínhamos sempre muitas senhoras (...). Depois adicionámos a sexta à tarde, porque já era muita gente à terça, e conseguimos dividir, depois fizemos mais o sábado. Mesmo se eu estiver de férias, elas vêm na mesma, é dinâmico, cada uma ajuda a outra.”</p> <p>“Por isso, é convívio, e eu gosto porque depois também, algumas das senhoras saem de casa, há muitas delas que estão em casa todo dia e é para todas as idades, mas muitas das senhoras estão em casa todo dia, não convivem, não nada. Então, algumas fazem questão de vir aquele bocadinho, (...) e o convívio faz bem. (...) É convívio, não estão em casa, partilham, não sei, faz-me sentir bem, se calhar também vê-las a fazer isso.”</p>
	Antónia	<p>“Eu já vinha para aqui, já há uns aninhos, uns bons anos, e fui lá a baixo, comprei um novelo de lã e disseram-me para vir cá para cima. Éramos muitas e eu peguei, com uma amiga minha, e viemos (...) e a partir daí vinha sempre. (...) O convívio é extraordinário.”</p>
	Anita	<p>“Foi ter perdido o meu marido e estar muito isolada em casa, foi depois do COVID. (...) Estava muito em casa, isolei-me muito e então foi para socializar, para sair de casa. (...) Só conhecia a loja, não conhecia ninguém.”</p>
	Andreia	<p>“Não estar só em casa, a Alice incentivou-me muito a vir para o grupo.”</p>
Grupo B	Bianca	<p>“Since Portugal is now my hometown country and I've been here since five years, almost. I had some friends, but, you know, when you meet foreign people, they come and go and I thought about, okay, maybe since Lisbon is a really big city with many young people from different nationalities, and crochet is developing as a hobby, in my case it's just crochet, it's not anymore a niche hobby, I think that now a lot of people start doing it or get interested in doing it.</p> <p>I wanted to see if I could meet someone with the same passion as mine and I randomly just tried. I found a venue and then I put it online on Meetup, it's like an application where there are a lot of events.</p> <p>(It started) One year and a half ago, we started the group, and then I met so many nice people. Some of them, they joined for a little bit and then they don't, of course, because they maybe go back to their own countries, it was just an experience in Lisbon, but it's nice and I didn't expect to meet so many (people), also, really young people.”</p>
	Birgit	<p>“Bianca is our friend from before. So, when she started, she asked if I could come because she was afraid no one would show up and so, yeah, it was kind of mandatory of me to join.”</p>
	Bitá	<p>“So we moved to Lisbon maybe around two years ago, less than two years ago and I didn't have anybody. So I was on meetup and I was like “okay, I need to go and meet some people” and since I really loved crochet and I always crocheted “so let me just Google something about crochet” and it just popped up and I was so surprised (...). So I went, I really loved the group because I thought “now it's going to be me and a group of old ladies” but everybody was young and interesting so the group was really, I don't know, my age, nice and it kept on, it didn't break up because a lot of groups, they just broke up afterwards, so it kept on going and it was just another push, because I stopped</p>

		going for a while like I had periods that I just didn't go but then, it was “Bitá, you must push yourself and go to the group”.”
	Bruna	“Eu encontrei o grupo na internet e como é um hobby e uma paixão que eu também tenho, fez-me todo o sentido ir conhecer o grupo. Infelizmente eu não tenho sempre a oportunidade de ir, mas quando vou é sempre uma experiência bastante divertida, portanto é sempre bastante gratificante ir.”
		O facto de praticar <i>tricot/crochet</i> neste grupo mudou a sua forma de encarar a prática?
Grupo A	Alice	Assim mudar, não, foi uma coisa que eu sempre quis. Normalmente, por acaso, temos a dona Alzira que tem mais experiência, (...) que antigamente fazia trabalho à máquina para fora. A Adelaide é das primeiras que vinha, por isso elas as duas normalmente vão ajudando alguém que venha novo, alguém que tenha dúvidas e eu, como estou a trabalhar noutras coisas, normalmente quando alguém está entalado, sou eu que vou ajudar também. Por isso, não mudou, sempre tinha mais impacto se pudesse estar mesmo o tempo inteiro aqui.”
	Antónia	“Sim, sim, sim, sim. Fui aperfeiçoando, fui diversificando e agora vejo isso como uma arte, antigamente era um passatempo. (...) Com o convívio faz-se as coisas muito mais depressa porque uma diz uma coisa, a outra diz outra. Entreajudamo-nos umas às outras, o que eu sei fazer ensino, o que eu não sei pergunto e entre todas vamos fazendo as coisas e vamos avançando.”
	Anita	“Sim, gosto mais, porque ensinam-nos coisas que não sabemos, faço coisas que nunca pensei fazer e em casa sozinhas termos muita coisa que nos ensina mas é diferente, (...) e por exemplo, eu fiz uma blusa, porque vi uma (colega) com ela vestida, gostei tanto e disse “não, vou fazer esta”. Depois elas fazem os trabalhos, depois nós vamos a seguir e fazemos iguais, com pontos diferentes e fazemos muito isso.”
	Andreia	“Sim, em ter ajuda, sim. É muito importante ter ajuda. Uma percebe mais de uma coisa, outra percebe mais de outra e é muito bom em ter ajuda. É um convívio bom. (...) Aprende-se muita coisa e é um convívio.”
Grupo B	Bianca	“Yeah, of course. Sometimes in the group we meet and mostly everyone works on his proper project but, for example, last year I really wanted to do a group project, so I think that it was a really nice way to bond even more with the (girls), I say girls because we're mostly girls, with the girls of the group. So, my perspective changed, especially when you do group projects because it's a really nice way to support each other, give something, add something valuable to the group or to the final result that you want to achieve. Besides changing my way of seeing crochet, I also changed my way of seeing how much this technique and being passionate about the same things can connect people and I think it's really nice, or besides that, I would also say that it's really inspiring to see what other girls do, even if you work on your same project, they're really talented, you're all really talented, and it's really nice. It's both inspiring and then also, I think, a little bit challenging because you think, “oh, I also want to do something like this”, it make me do better, I don't think it's a wrong feeling. Not competitive but motivating. To not give up, to keep up, to start a new project, more challenging. I think it's nice.”
	Birgit	“I feel like it's maybe a bigger part of my life than if I didn't go. (...) I feel like I want to finish things to show everyone, and I get very inspired by the people there also about the things that they're making that I never thought was a thing.”
	Bitá	“For sure. The approaching, because before that, I would just do something for the house but now I see everybody's making something to wear. So first it makes me challenge, because I challenge myself to make some sweaters, cardigans for myself. Also before that, I never thought we can, like do, make and sell, or even participate in charity sellings and give the money to the charity so, for me,

		crochet was just something you do on your own, at home, on your sofa for yourself or your friend or your sister, but, it opened up like a new world of like, okay, we can have a group, we can meet up somewhere, we can have a community, we can do stuff with the crochet things.”
	Bruna	Em certa medida sim, por exemplo, eu nunca tinha experimentado fazer roupa e vi toda a gente a fazer roupa e então entusiasmei-me.”
		Qual a influência da prática de grupo na sua prática individual?
Grupo A	Alice	“Não sei responder. Faz-me sentir bem que elas estão felizes da vida e gostam de vir e acham útil, agora, como é que impacta, não sei dizer. (...) É assim, muitas pessoas não têm confiança no que fazem, “ah, eu não sei o que fazer; ah, isto não fica bem”. Eu acho que, com os convívios, acabam por ficar mais confiantes, acho que lhes dá uma coisa para fazer ou usar o tempo que têm livre, por exemplo, estão a ver televisão e estão só ali a ver, fazem qualquer coisa. (...) Assim, a fazer sozinhas, quando veem outras pessoas e interagem acabam por fazer um bocadinho mais difícil numa próxima vez, também puxam um bocado por elas. (...) Mas, é assim, cada uma tem o seu passo, a sua velocidade. (...) Há pessoas que não têm mesmo confiança porque vêm as outras a fazer coisas mais difíceis e, “ai, eu não sei o que fazer” mas acho que consigo dar a volta para elas se encaixarem e sentirem-se bem.”
	Antónia	“Quando eu não sei, pergunto e elas explicam-me, quando elas não sabem, uma delas não sabe o que fazer, vem ter comigo e eu explico.”
	Anita	“Sozinhas, estamos mais isoladas, o convívio é diferente, conversamos, trocamos ideias e é sociabilização. Claro que às vezes, há trabalhos que temos que estar em casa, tem que se contar tudo, há trabalhos que não dá para fazer aqui porque estamos na conversa e então depende. As dúvidas e tudo, prefiro estar em convívio. (Após a entrada no grupo) Faço muito mais porque tenho mais confiança, já sei fazer mais coisas. Antigamente não sabia fazer imensa coisa, agora já sei fazer. <i>Crochet</i> nunca tinha feito, só comecei agora, aprendi aqui. O <i>tricot</i> já conhecia os pontos, agora o <i>crochet</i> , só agora é que comecei a fazer.”
	Andreia	“É, por exemplo, estar a fazer um projeto e chegar a uma parte e não conseguir fazê-lo. Se estiver só, fica ali e em grupo há sempre uma de nós que sabe e que nos ajuda e explica. (Vejo diferença em) Certos métodos de fazer as coisas que eu não tinha, certos métodos de aperfeiçoamento que aqui eu consegui. Aprendi técnicas novas e continuo a tentar aprender.”
Grupo B	Bianca	“For example, in my case, I mostly just crochet and when I see you knitting, I'm like “oh, that's what I want to learn”. I just know the basic stitches, I really like knitting too and, as I was saying before, it gives you motivation to improve yourself inside this craft. Just to learn a new stitch that you do, that someone is doing, I was like, “oh, I also want to do something like this” and it's nice.”
	Birgit	“Yeah, I feel like I'm more committed to it and I want to show it off, whatever I'm making. And it's also nice because sometimes you don't have a project, so you just start something when you're there. So, yeah, I guess that's part of the commitment and you find easy projects that you can do just while you're there.”
	Bitá	“Because individual practice, I always thought I cannot make something for myself to wear, I thought it was too complicated and difficult. (...) So, it showed me I can do it, push me like I can do more, yeah.”
	Bruna	“Sim, motivação e inspiração.”

Tabela 6. Respostas das entrevistadas à Parte III – Ocupação.

	Nome	Escolaridade	Ocupação
Grupo A	Alice	Ensino Secundário e pós-graduação	Dona de loja
	Antónia	Bacharelato	Reformada
	Anita	Bacharelato	Artista
	Andreia	Ensino Básico (3º Ciclo)	Cuidadora
Grupo B	Bianca	Mestrado	Especialista em otimização de marketing
	Birgit	Licenciatura	Gestora de serviço ao cliente e garantia de qualidade
	Bitá	Mestrado	Professora de inglês
	Bruna	Mestrado	Explicadora
		Vê o <i>tricot/crochet</i> como uma forma de artesanato?	
Grupo A	Alice	“É artesanato, acho eu, (...) não sei. (...) É artesanato, mas acho que também é passatempo, (...) é as duas coisas.”	
	Antónia	“Sim, sem dúvida alguma.”	
	Anita	“Sim.”	
	Andreia	“Sim.”	
Grupo B	Bianca	“Yes, of course. I think that, especially nowadays, it's really nice that so many young people want to go back to some traditional activities and handmade, because it involves so many nice things, like just the efforts and the time and the patience and work on something and failing as well, you have to face failing when you do these things, and those are really valuable values. So, yeah, I really think that it's a valuable handcraft.”	
	Birgit	“Yeah, yeah, yeah, for sure.”	
	Bitá	“Of course.”	
	Bruna	“Sim, claro. É uma forma de artesanato, na minha perspetiva, que pode estar incorreta (...). Mas toda a tradição que já existe da prática de <i>crochet</i> e <i>tricot</i> , como uma forma de partilha, como uma arte que é feita à mão ainda que nós hoje já tenhamos alguma ajuda da tecnologia, quando queremos encontrar algum esquema. (...) Mas acho que também, lá está, artesanato, no seu conceito mais estrito, é algo que é feito à mão, no seu conceito mais lato, é uma forma de partilha de ideias, é uma forma de criação de laços de comunidade. (...) Mas então sim, por isso vejo como uma forma de arte.”	
		Para si, o <i>tricot/crochet</i> é apenas uma prática de lazer ou é também uma fonte de rendimento?	
Grupo A	Alice	“É lazer porque eu gosto das coisas. Rendimento... Não sei se vejo como (rendimento)... Ou seja, tenho a loja e depois o <i>tricot</i> e as coisas, é o que eu gosto. (...) Por isso uso as coisas que gosto, explicar às pessoas como é que se usa e assim, tudo bem, se vier o rendimento, melhor. Por isso, é uma forma de rendimento porque eu tenho a loja, mas eu uso as coisas porque eu gosto realmente. (...) Eu tento vender as coisas que eu gosto, porque se eu tiver que explicar a alguém porque é que aquilo não presta, não me apetece.”	
	Antónia	“As duas coisas, lazer e rendimento. (...) Eu pratico preços mais baratos, porque sei que uma segunda pessoa vai vender a uma terceira pessoa e também tem o lucro dela, por isso faço mais barato. Não é, pronto... é rendimento para os meus botões, eu não consigo viver com aquilo que eu ganho a fazer as coisas.”	
	Anita	“Neste momento ainda é lazer.”	

		Não sei (se gostaria que fosse rendimento), nós perdemos muitas horas e as pessoas não dão valor. Eu que já estou nas artes há muitos anos, eu deixei de pintar azulejos porque realmente não valia a pena e tem que se gostar muito e tem que ser apreciador e é difícil, é muito difícil. Ninguém nos dá valor.”
	Andreia	“Prática de lazer. Não trabalho para fora, trabalho para mim e para a minha filha.”
Grupo B	Bianca	“Mostly a leisure activity. I try to make some income, but of course it's like a second (source of income), It's really hard to make it your only way of having an income. I mean, it depends on what's your goal, if you want to sell finished pieces, it's hard because you should put high prices, because you really need to find a targeted public that can afford and it's very interested in handmade things because of course you still have to give value to your work because between material and time and efforts, and experience, it's a lot. Otherwise, what I mostly like to do is, for example, more related to workshops or connecting people or doing events but this is because it's something that I like to do. Yeah (I receive money from the workshops), not too much because still you have to adapt to the country where you are and in Portugal you can't put really high prices. Also, at the beginning it's hard because people have to know you, they have to find you, you have to show that you make something nice, they have to trust you, you have to build trust, and this is mostly through social media and it's a very competitive world, universe. So yeah, it's not that easy, especially if it's not your main activity during the day.”
	Birgit	“For me it's just a leisure.”
	Bitá	“It's not a source of income. I think crochet is not a good source of income because it is very lengthy. It takes a long time and it becomes really expensive. So, to sell it for what it's worth is usually not profitable. (...) Yeah, (just) leisure.”
	Bruna	“Apenas uma prática de lazer.”

Tabela 7. Respostas das entrevistadas à Parte IV – Dados Pessoais.

	Nome	Idade	Nacionalidade	Tempo de residência em Portugal
Grupo A	Alice	57	Portuguesa	N/A ³
	Antónia	60	Portuguesa	N/A
	Anita	59	Portuguesa	N/A
	Andreia	60	Portuguesa	N/A
Grupo B	Bianca	28	Italiana	Quase 5 anos
	Birgit	27	Norueguesa	4 anos
	Bitá	34	Iraniana	Quase 2 anos
	Bruna	28	Portuguesa	N/A

³ Não aplicável.

Tabela 8. Respostas das entrevistadas à Parte V – Considerações Finais.

	Nome	Existe algum aspeto importante que não tenha sido abordado e que gostasse de referir?
Grupo A	Alice	<p>“As pessoas saírem de casa, conviverem. Eu acho que faz bem às depressões, não gosto de ver as pessoas tristes. Muitas pessoas ali no balcão quando vêm comprar qualquer coisa dizem “ah, eu nunca saio de casa” e depois animam-se porque têm qualquer coisa para fazer. (...) eu fico feliz quando elas ficam felizes.”</p> <p>“Tudo bem que se tem que ganhar dinheiro, tudo bem que é um negócio, mas o objetivo nunca foi esse. (...) Eu desde nova que queria ter a parte do convívio.”</p> <p>“Às vezes elas próprias juntam-se no café, a fazer <i>tricot</i> ou o que for, chama-se tricotar em público.”</p> <p>“Daqui acabam por fazer algumas amizades e depois também acabam por, por exemplo, ir para o café na praia ou assim, duas ou três. Não é um grupo tão grande, mas acabam por ter outras ligações, não estão sempre tão sozinhas.”</p> <p>“Também já tivemos rapazes, o Afonso, que é um senhor que esteve em Espanha (...) e quando voltou outra vez para Portugal, (...) encontrou-nos, ficou tão feliz que vinha todos os sábados fazer o <i>tricot</i> dele (...) estava felicíssimo de poder vir e fazer o convívio com outras pessoas que fazem a mesma coisa. (...) Hoje em dia os homens também fazem. Isto é uma maneira de relaxar e pensar noutras coisas, porque estás a usar as mãos (...).”</p>
	Antónia	<p>“No grupo é diferente (...) temos um convívio bom. Faz muito bem à cabeça (...) estarmos em grupo, a falar, faz-me muito bem e com a pandemia ainda dou muito mais valor a estes grupos (...).</p> <p>Tem imensos benefícios porque é um convívio que nós temos aqui, falamos das mesmas coisas, quando traduzimos uma receita, um esquema de qualquer coisa. Uma diz que é assim, a outra diz que é assado, há um convívio muito bom.”</p>
	Anita	<p>“A única coisa que eu tenho pena é que as pessoas não deem valor ao trabalho manual. (...) Eu tenho amigas que vendem artesanato e as pessoas chegam lá a regatear, como se isto fosse um trabalho de regatear.”</p> <p>“Distraio muito, eu que vim de um desgosto muito grande como lhe disse, à noite sabe muito bem estar a fazer <i>tricot</i>. Estou distraída e em vez de estar a pensar em outras coisas estou focada no trabalho, faz com que não andemos aqui a vaguear e pensar em coisas que não devemos. O convívio é sempre bom (...) Agora, a minha sobrinha esteve cá, fazia com a minha sobrinha lá em casa (...) e é uma maneira de estarmos distraídas, em vez de estar sempre nos telemóveis e para ver se elas saem do computador.”</p>
	Andreia	“Não, falei tudo.”
Grupo B	Bianca	<p>“I think (...) that it's really nice because (...) it makes you feel well with yourself.</p> <p>At the beginning, when you learn a craft, it can be a little bit frustrating because it's always like when you learn to do something new, it's hard, but then, if you like it, it can be really satisfying and I realized in these years that it involves many things, like not just creativity, but also feel useful or just the fact that you have a goal or a project and it always keep you active and I think it's especially nowadays where maybe younger generation, they can get so easily lost in, I don't know, technology or maybe they isolate themselves more rather than we millennials. (...) Even if you crochet alone, it's nice because you have a goal and you put effort and it's nice and then at the end, you will be satisfied with what you got, even if at the beginning, the crochet projects are not the best,</p>

		they look weird, but then with practice, you can achieve anything that you want. I really like this side of being able to do any hobby, any craft in general.”
	Birgit	“I think that it's a leisure activity, but it's also a source of like meditation almost, because either you count or you keep track and then you can't really think about anything else, especially if you're doing something new, which is really cool. (...) it's also helpful to like, if I have a very stressful day and I sit down, I guess it's the same with like reading a book, you completely take your mind off everything that's going on and you just focus only on your project, which is nice and, of course, it's really cool to say when someone compliments you and you say “thanks, I made it”. It's the best feeling.”
	Bitá	“I used to go to a library with my friends to study for the school and stuff and in the breaks, I usually crocheted a scarf and that moment, two of my other friends got interested, so I had to teach them how to crochet and all of us crocheted exactly the same scarf in the breaks, in the library. It was so funny for me because (...) that's funny when you see somebody crocheting in a library and then you see three persons crocheting the same thing, same yarn.”
	Bruna	“Eu acho que estas artes, seja o <i>tricot</i> ou o <i>crochet</i> , qualquer arte manual que nós façamos, até mesmo fora do campo aqui, se calhar dos fios, as cerâmicas, etc..., tem um potencial terapêutico muito grande, de alívio do <i>stress</i> e dá-nos sempre aquela satisfação, aquela gratificação pessoal de dizermos “fui eu que fiz”. Às vezes não está perfeito, tudo bem, se eu quisesse perfeito ia buscar da máquina (...). Há uma certa perfeição, na imperfeição (...) e este efeito que as artes manuais podem ter, desde o alívio do stress, a tal satisfação do fui eu que fiz (...) eu acho que essa sensação é muito boa.”